



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM
LETRAS/INGLÊS

FLÁVIA EDUARDA SANTOS WERNECK

A representação do Sonho Americano e o trabalho migrante das personagens afro-diaspóricas
em *Lucy* e “No Seu Pescoço”

João Pessoa

2024

FLÁVIA EDUARDA SANTOS WERNECK

A representação do Sonho Americano e o trabalho migrante das personagens afro-diaspóricas
em *Lucy* e “No Seu Pescoço”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras -
Inglês, da Universidade Federal da Paraíba - UFPB,
como requisito para obtenção do título de Licenciado em
Letras - Inglês, sob orientação da Prof^ª. Dr^ª. Juliana
Henriques de Luna Freire e co-orientação da Prof^ª. Dr^ª.
Maria Elizabeth Peregrino Souto Maior.

João Pessoa

2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

W491r Werneck, Flavia Eduarda Santos.

A representação do Sonho Americano e o trabalho migrante das personagens afro-diaspóricas em Lucy e "No Seu Pescoço" / Flavia Eduarda Santos Werneck. - João Pessoa, 2024.
57 f.

Orientadora: Juliana Luna Freire.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da Paraíba/Centro de Ciências humanas, Letras e Artes, 2024.

1. Estudos Feministas e Decoloniais. 2. Outremização. 3. Trabalho e Imigração. I. Luna Freire, Juliana. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82

FLÁVIA EDUARDA SANTOS WERNECK

A representação do Sonho Americano e o trabalho migrante das personagens afro-diaspóricas em *Lucy* e “No Seu Pescoço”.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras - Inglês, da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Letras -Inglês.

APROVADO EM 15 DE OUTUBRO DE 2024.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Juliana Henriques de Luna Freire
ORIENTADORA – UFPB

Profa. Dra. Maria Elizabeth Peregrino Souto Maior
CO-ORIENTADORA – UFPB

Profa. Dra. Flávia Santos de Araújo
EXAMINADORA - UFPB

Profa. Dra. Maria Aparecida de Oliveira
EXAMINADORA – UFPB

Profa. Dra. Danielle Dayse Marques de Lima
SUPLENTE - UFPB

AGRADECIMENTOS

A Deus e à Nossa Senhora, que mesmo com a minha fé tropeçante, nunca me abandonaram.

À minha família. Minha mãe, Juliana, que assim como a vida, também me deu força e crença para acreditar e continuar. Meu pai, Flávio, com quem compartilho ideias e referências, e de quem até os questionamentos me fazem crescer. Ao meu irmão, Júlio, que mesmo com todas as divergências, me apoiou das suas inúmeras e sutis formas. À Sílvia, uma amiga que me mostrou novas perspectivas sobre a vida e seus caminhos. Ao meu avô, que mesmo em outro estado, enviava para mim sua coragem e calma.

Às professoras Juliana e Elizabeth, pelo período de orientação não somente nesta pesquisa, mas na maior parte da minha vida acadêmica. Este é o resultado de um trabalho de anos, que sem vocês nunca teria sido cogitado. As minhas experiências como pesquisadora serão eternamente marcadas por nossos momentos juntas.

Às minhas amigas Biancka e Nicole que estiveram comigo durante todo o tempo, da academia para vida, vocês me fazem acreditar em mim mesma a cada segundo. Nossas risadas, choros e gritos sempre ecoaram no universo. À Rafaella, com quem a amizade espero compartilhar o resto dos meus dias, nosso encontro de almas foi um momento lindo. À Mônica e Hevelle, sem quem nunca teria conseguido chegar até o meu de agora. Vocês me descobriram quando me esconder do mundo ainda parecia ser a melhor opção.

Aos meus amigos que me acompanharam do Ensino Médio até aqui. Sem vocês, meus momentos seriam ínfimos, me fazer sentir viva foi o melhor presente dado por vocês. À Laryssa e Melissa, suas permanências me fazem continuar a acreditar na perseverança dos nossos laços. O brilho da vida na pupila de todos vocês continua a me encantar mesmo após tantos anos.

Às professoras Flávia, Maria Aparecida e Danielle por sua participação na banca examinadora deste trabalho. A presença de vocês três foi imprescindível para a conclusão deste momento.

A mim mesma, que permaneço.

Paras as minhas avós, Maria das Graças e Maria de Lourdes, que nunca deixaram de mostrar acreditar em mim, mesmo quando eu não consegui retribuir.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “A representação do sonho americano e o trabalho migrante em *Lucy* e ‘No Seu Pescoço’” analisa as jornadas das protagonistas Lucy de Jamaica Kincaid e Akunna de Chimamanda Adichie e as suas migrações para os Estados Unidos. Saídas de seus países no Sul Global, as personagens procuram alcançar o utópico Sonho Americano e a equidade socioeconômica apartadas de seus espaços geopolíticos pelos resquícios da estrutura imperialista. Mas ao chegarem ao novo país são expostas ao cenário de subalternização aplicados a corpos afro-diaspóricos baseados nos eixos de raça, classe, gênero e origem, destacando como esta prática é ainda mais constante nos seus espaços de trabalho. Evidenciando o histórico processo de outremização das mulheres negras diaspóricas, a pesquisa se propõe a investigar as ações de resistência à exploração da sua força laboral e a busca e defesa da sua identidade. Com embasamento teórico em Davis, Kilomba, hooks, Quijano, Anzaldúa, Hall e Hill Collins, esta análise literária é realizada a partir dos conceitos de outremização, colonialidade de poder e *borderlands*. Busca comprovar as ações de auto-afirmação das protagonistas em meio às recorrentes tentativas de inferiorização.

Palavras-chave: Estudos Feministas e Decoloniais; Outremização; Trabalho e Imigração.

ABSTRACT

The present Undergraduate Thesis, titled “The Representation of the American Dream and the Migrant Labor in *Lucy* and ‘The Thing Around Your Neck’”, analyzes the journeys of the protagonists Lucy in Jamaica Kincaid's novel and Akunna in Chimamanda Adichie's short story, and their migrations to the United States. Leaving their countries in the Global South, the characters search to reach the utopian American Dream and socioeconomic equity, distanced from their geopolitical spaces by the remnants of imperialist structures. However, upon arriving in the new country, they are exposed to the scenario of subalternization applied to Afro-diasporic bodies based on the categories of race, class, gender and origin, highlighting how the practice of oppression is even more constant in their workplaces. By emphasizing the historical process of othering Black diasporic women, the research proposes to investigate their resistance against the exploration of their labor force and their quest to assert and defend their identity. Grounded in the theoretical frameworks of Davis, Kilomba, hooks, Quijano, Anzaldúa, Hall and Hill Collins, this literary analysis is further emphasized within the concepts of othering, coloniality of power, and borderlands. It aims to prove the acts of self-affirmation from the protagonists, amidst recurring attempts at their inferiorization.

Key words: Feminist and Decolonial Studies; Othering; Work and Immigration.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I: A ESCRITA DE MULHERES NEGRAS E AS GEOPOLÍTICAS DE LOCALIZAÇÃO	12
1.1 Panorama da escrita feminista: do universal para o transnacional	12
1.2 Reclamando por um espaço: Jamaica Kincaid e a busca por identidade	14
1.3 Decolonizando o pensamento feminista: Chimamanda Ngozi Adichie e sua escrita política	16
CAPÍTULO II: UM BREVE CONTEXTO HISTÓRICO DA COLONIZAÇÃO BRITÂNICA NO CARIBE E NA ÁFRICA E A IMIGRAÇÃO AOS EUA	18
2.1 Antígua e Barbuda: escravização, tráfico transatlântico e a colonização Britânica..	18
2.2 Nigéria: invasão imperialista na África e lutas anticoloniais	19
2.3 Corpos em diáspora	21
2.4 A utópica terra das oportunidades: globalização, colonialidade de poder e o trabalho imigrante	22
CAPÍTULO III: GÊNERO, IDENTIDADE E RESISTÊNCIA DOS SUJEITOS DIASPÓRICOS	25
3.1 Outremização e o gênero do <i>sujeito</i> migrante na contemporaneidade	25
3.2 Mulheres diaspóricas e a exploração da força laboral	28
3.3 Identidade e resistência	30
CAPÍTULO IV: O SONHO AMERICANO E O TRABALHO MIGRANTE NAS LITERATURAS AFRO-DIASPÓRICAS	33
4.1 As obras e os pontos de conexão	33
4.2 “Poor, poor Visitor”: a quebra do Sonho Americano e outremização da mulher afro-diaspórica	35
4.3 Papéis de cuidado: o campo de trabalho e a exploração de mulheres negras do Sul Global	39
4.4 A busca pelo pertencimento: resistência e identidade diaspórica	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	53

INTRODUÇÃO

Os lugares de destaque da nossa sociedade são constantemente ocupados por quem performa seus privilégios, ditando os locais destinados àqueles que não desfrutam do mesmo, em tentativas de os relegar como não dignos aos espaços sociais. Ao traçar uma linha temporal acerca desta estrutura, é possível identificar a colonização estadunidense como o marco de inter-relações em posicionamentos racistas e sexistas, assim como a percepção inferiorizada de comunidades das Américas e África neste continente a partir do século XV. Essa conduta fora perpetuada até a contemporaneidade, quando indivíduos continuam sendo subalternizados perante a transformação das relações em sociedades neoliberais.

Todavia, apesar das transformações sociopolíticas, as comunidades pertencentes a grupos minoritarizados resistiram defendendo sua identidade, apesar do ostracismo, reafirmando sua condição de sujeito social. A literatura, como forma de arte e posicionamento sócio-político, é uma ferramenta fundamental para o estabelecimento de opiniões e denúncias, assim sendo utilizada contra estes padrões de superiorização. E é através da escrita política de mulheres negras do Sul Global¹ e sua crítica ao espaço de subalternidade ocupado por suas comunidades no Norte Global que são traduzidas para a literatura o reconhecimento deste mecanismo de tentativas de subalternização, desenvolvendo-se como um dos diversos métodos de resistência às violências desumanas contra seus corpos.

Foi após participações em projetos de pesquisas na Universidade Federal da Paraíba que adquirei conhecimento das literaturas de mulheres afro-diaspóricas decidindo desenvolver a partir deste recorte suas análises literárias. Dois projetos foram com a Prof. Dra. Maria Elizabeth Peregrino Souto Maior. O primeiro, chamado de “A intersecção raça-classe-gênero em obras de escritoras negras: diálogos transnacionais”, objetivou comparar textos de autoras negras brasileiras Conceição Evaristo e Cristiane Sobral e a presença da interseccionalidade e outremização de mulheres afro-brasileiras em suas obras. O segundo, “Gênero, Raça e Classe na Literatura de Mulheres Afrodiaspóricas: Conexões Possíveis”, ampliou o conhecimento sobre escritoras afro-diaspóricas como Jamaica Kincaid e Edwidge Danticat. Outro projeto foi “Vertentes da Teoria (De)Colonial e o Feminismo Terceiro-Mundista na Literatura Latina nos Estados Unidos” com a Prof. Dra. Juliana Luna Freire que ajudou no aprofundamento sobre a

¹ Termo da corrente de pensamento decolonial para referenciar países forçados aos processos de colonização e imperialismo. Aplicado aos espaços geopolíticos outrora chamados de “3º mundo”.

imigração latina nos Estados Unidos, escritoras como Cristina García, Sandra Cisneros e Gloria Anzaldúa.

Dentre os textos encontrados durante o meu trajeto acadêmico na graduação, o conto “No Seu Pescoço”² de Chimamanda Adichie foi o primeiro a me marcar de uma maneira mais profunda. O contato com a novela *Lucy*, de Jamaica Kincaid, proporcionou a visualização de convergências entre as narrativas anos depois, possibilitando o desenvolvimento da minha predileção por análises literárias a partir de uma perspectiva comparada. Ainda sem a publicação em português, optamos por trabalhar com traduções próprias da obra *Lucy*, utilizando a análise tradutória. Desta forma, esta pesquisa procura investigar aspectos de subalternização e outremização em comum que afetam as identidades de mulheres negras imigrantes no território estadunidense, verificando como estão inseridos nas obras selecionadas.

Através da perspectiva decolonial e de uma abordagem interseccional, pretendemos focar nestas duas obras de autoria de mulheres negras e firmar análises sobre *sujeitos*³ advindos de países e comunidades do Sul Global. Assim, analisaremos o processo de outremização dentro de países geopoliticamente privilegiados, como os Estados Unidos, epicentro dos processos de globalização e capitalismo neoliberal na contemporaneidade, e espaços de poder e controle sobre outras antigas colônias. Em vista disso, a criação e imposição do Sonho Americano no século XX, que coloca o território estadunidense em posição de sinônimo de liberdade e civilidade, ludibria indivíduos que acreditam que a imigração seja o único passo necessário para conquista da tão sonhada autonomia e ascensão financeira.

Ao observar a representação literária que Chimamanda Adichie e Jamaica Kincaid fazem da experiência de migração de mulheres negras, é possível comprovar a porosidade desta teoria que não trata migrantes em pé de equidade à comunidade estadunidense de descendentes de europeus, uma vez que os coloca às margens da sociedade. Desse modo, as obras em tela problematizam as falhas no acolhimento aos cidadãos oriundos do Sul Global, fadados ao isolamento, visão contrária aos valores de equidade presentes na constituição dos Estados Unidos, extrínseco às protagonistas estudadas. A fim de alcançar o território de promessas daquele país, esses *sujeitos* passam a ser constantemente colocados em uma posição de outremização nas diásporas, e consequente isolamento das suas comunidades e

² No original, em inglês: *The Thing Around Your Neck* (2009).

³ O termo *sujeito* é utilizado nesta pesquisa de acordo com a definição de Grada Kilomba (2020). Trazida do inglês “subject”, é usada sem a marca de gênero aplicada à palavra no português, e é escrita em itálico.

culturas. Seria esse, portanto, um processo de subalternização e desumanização que repete as relações preexistentes do passado escravocrata do país.

Nesse sentido, ao perceber essa imposição, as protagonistas iniciam uma jornada de reafirmação de identidade e ligação com seu passado. E, em diferentes movimentações, as protagonistas buscam reivindicar seu espaço, resistindo às opressões racistas e sexistas perpetuadas desde as primeiras invasões a seus territórios originários.

O presente trabalho de conclusão objetiva i. Analisar as trajetórias das protagonistas Lucy e Akunna, como mulheres migrantes do Sul ; ii. Observar a outremização sobreposta a elas, em especial dentro dos seus locais de trabalho; iii. Comprovar que as protagonistas das obras não apenas percebem a outremização e a subalternização por elas sofridas em seus locais de trabalho como também reagem a elas. Será, portanto, possível verificar como essas violências afetam as identidades de mulheres negras imigrantes e seus métodos de resistência.

O presente trabalho é baseado em pesquisa de cunho bibliográfico, e está dividido em quatro capítulos. O primeiro propõe fazer um panorama dos estudos feministas desde bell hooks (2019), Angela Davis (2016) e Patricia Hill Collins (2019) correlacionando aproximações entre as romancistas, suas obras e protagonistas. Já no segundo, apresentaremos os contextos históricos de Antígua e Barbuda e Nigéria, sua ligação com o colonialismo e a relação deste com a migração para os Estados Unidos. Será importante a noção de Stuart Hall (2003) acerca da diáspora e o modo como esta afeta os sujeitos migrantes e as suas identidades. A partir de Aníbal Quijano (2005), discorreremos sobre a noção do Sonho Americano e sua importância para os imigrantes que, submetidos a espaços marginais em trabalhos considerados inferiores aos estadunidenses nativos, são explorados como corpos diaspóricos, especialmente quando femininos.

No terceiro capítulo será apresentada a noção de outremização aplicada aos migrantes, com enfoque principal nas questões de gênero, raça e origem. A partir de Grada Kilomba (2020), e resgatando conceitos de Angela Davis (2016), procuraremos conectar as formas de subalternização impostas às protagonistas de Kincaid e Adichie em seus espaços de trabalho e os mecanismos de resistência utilizados por elas. Aqui será necessário discutir o conceito de Anzaldúa (1987) de fronteira ou *borderlands*, uma vez que as personagens são afetadas por uma sensação de não-pertencimento. A análise comparativa das obras será apresentada no quarto capítulo, considerando o referencial teórico mobilizado para discutir a jornada das protagonistas.

CAPÍTULO I: A ESCRITA DE MULHERES NEGRAS E AS GEOPOLÍTICAS DE LOCALIZAÇÃO

1.1 Panorama da escrita feminista: do universal para o transnacional

A teórica e intelectual negra feminista bell hooks entende como um “problema crucial” a falta de uma definição assertiva do feminismo.

O feminismo é a luta para acabar com a opressão sexista. Seu objetivo não é beneficiar apenas um grupo específico de mulheres, uma raça ou classe social de mulheres em particular. E não se trata de privilegiar a mulher em detrimento do homem. (hooks, 2019. p. 59)

Em *Teoria Feminista: Da margem ou centro* (2019), hooks defende a necessidade de ser chegar ao um consenso sobre uma conceitualização do termo. Segundo ela, a diversidade de conceitos por parte de grupos privilegiados deturpa o sentido do que deveria ser um movimento social revolucionário para algo entendido como uma articulação individual e até mesmo um simples modo de vida.

Essa predisposição para ver o feminismo como um estilo de vida e não como um compromisso político reflete a natureza de classe do movimento. Não surpreende que a vasta maioria das mulheres que equiparam feminismo a estilo de vida alternativo é proveniente da classe média, jovens solteiras, geralmente com ensino superior, que desconhecem as responsabilidades sociais e econômicas enfrentadas diariamente por mulheres pobres e operárias, casadas, que cuidam de casa e da família e que trabalham. (hooks, 2019. p. 61)

Assim, além de afirmar como esse dissenso sobre o feminismo é prejudicial para todos, hooks ainda proporciona a compreensão de quanto a visão sobre o movimento é afetada pelo privilégio de um grupo, a do Feminismo Universal⁴. A definição como *universal* advém da crença de que exista um único feminismo, focado na luta pelo sufrágio universal, e na percepção de que este asseguraria direitos das mulheres em pé de igualdade aos homens.

⁴ Chamado também de Feminismo Branco, ao defender que todas as mulheres seriam contempladas por esse ideal, o Feminismo Universal fracassa em reconhecer as estruturas sócio-políticas de privilégios vigentes na nossa sociedade.

O que está implícito nesta definição simplista de libertação feminina é a desconsideração de raça e classe como fatores que, juntamente com o sexismo, determinam a forma e a intensidade com que os indivíduos serão discriminados, explorados e oprimidos. (hooks, 2019. p. 48)

O Feminismo Negro estadunidense reconhece as falhas do feminismo hegemônico, buscando enfatizar a interligação do sexismo com outros sistemas de subalternização, como o racismo e o classicismo do sistema capitalista. O imortal discurso de Sojourner Truth, a primeira poeta negra em solo estadunidense no século XIX, é uma comprovação da conexão existente entre a luta antirracista e anti-sexista, e da disparidade entre a realidade de mulheres negras estadunidenses e aquilo que é defendido como liberdade pelo Feminismo Universal. Para as mulheres negras, alcançar a posição de seus pares não lhes asseguraria um espaço como indivíduo na sociedade, pois “[...] sabem que muitos homens de seu grupo social são explorados e oprimidos. Sabendo que esses homens não possuem poder político, econômico e social, elas não almejam a sua situação” (hooks, 2019. p. 48).

Em *Mulheres Raça e Classe*, Angela Davis destaca como o caráter exploratório do capitalismo contribuiu para a subalternização dos corpos negros, especialmente das mulheres, constantemente desumanizadas. Ao falar sobre momentos históricos como as lutas pelo sufrágio e pelos direitos civis nos Estados Unidos, Davis comprova a marginalização de mulheres negras dentro do movimento sufragista. No cenário demonstrado, feministas brancas acreditavam ser necessário a desvinculação das causas feministas do movimento antiescravagista, pois somente assim suas demandas seriam atendidas, em uma crença errônea de que uma reivindicação seria justa, enquanto a outra não.

Ao analisar mecanismos de subalternização aplicados a mulheres negras estadunidenses e indígenas, entre outras minorias, é possível encontrar vários destes concomitantes às migrantes latinas e caribenhas. Um destes mecanismos seria uma das políticas mais hediondas existentes dentro do território estadunidense, a da esterilização forçada de mulheres de grupos minoritarizados. Parte do programa de planejamento familiar do governo estadunidense em 1970, a esterilização de mulheres de mulheres indígenas, negras e porto-riquenhas tinha como objetivo dizimar essas populações. Na primeira Conferência de Mulheres nos EUA em Houston, 1977, ao tentar discursar para reivindicar o fim dessa prática, a jornalista e ativista Margaret Prescod⁵ teve seu microfone silenciado. A justificativa para tal ato, de que esse debate poderia levar ao enfraquecimento da causa *pro-choice* - legalização do

⁵ Informações presentes no documentário *Feminists: What Were They Thinking?* (2018).

aborto - foi devidamente negada, pois o sofrimento de um grupo de mulheres em prol de outras não representa o que o feminismo deveria ser.

Com essa ideia, é possível entender como muitas mulheres não se sentiriam representadas por uma definição global de feminismo. Assim como as mulheres negras estadunidenses, as mulheres latinas também têm essa desconexão ao observar as movimentações nos Estados Unidos. Quando atravessam a fronteira perseguindo o sonho de residência permanente no país, mulheres latinas e caribenhas são desumanizadas pela condição de migrante associada à imagem de exploração proveniente da era colonial. O Feminismo Terceiro-mundista⁶ surge como uma corrente de representação dessas mulheres, mas inadequações logo fazem surgir Feminismo Transnacional.

Dessa forma, o Feminismo Transnacional reconhece a diversidade identitária dentre as mulheres de países identificados como do Sul Global, enxergando as perspectivas de quem vive nas fronteiras e que tem suas vivências afetadas pelas culturas de origem e por aquela que as recebe. Tal vertente acrescenta ao sexismo os impactos do colonialismo e do imperialismo nas histórias de migração, a fim de demonstrar como indivíduos são afetados de forma diferenciada. Segundo a autora estadunidense Patricia Hill Collins,

Em um contexto transnacional pós-colonial, [...] Teorias sociais produzidas por mulheres oriundas de grupos diversos [...] refletem o esforço dessas mulheres para lidar com experiências vividas em meio a opressões interseccionais de raça, classe, gênero, sexualidade, etnia, nação e religião. (Collins, 2019. p. 43)

Acreditamos que a perspectiva transnacional seja a mais adequada para a análise das obras *Lucy* de Jamaica Kincaid e “No Seu Pescoço” de Chimamanda Ngozi Adichie. Afinal, tratam de narrativas envolvendo mulheres negras com origens em países com histórico colonial e imperialista, que são levadas a migrar para os Estados Unidos, o grande espaço de poder do mundo globalizado idealizado pelas protagonistas.

Antes de introduzir os conceitos importantes para o desenvolvimento deste trabalho, é preciso compreender como as obras selecionadas podem ser ficção e, ao mesmo tempo, um retrato da vivência de migrantes na contemporaneidade.

1.2 Reclamando por um espaço: Jamaica Kincaid e a busca por identidade

⁶ O Feminismo Terceiro-mundista pretendia incentivar o acesso a teorias que discursassem sobre as mulheres do "terceiro mundo" e a suas realidades. Entretanto, como afirmado em *Postcolonial Studies* (2013), imagens denominadas do terceiro-mundo foram marcadas pela propagação de estereótipos e clichês acerca das culturas que tentava inicialmente defender, e essa vertente do Feminismo não foi uma exceção.

Nascida Elaine Cynthia Potter na ilha de St. John, em 1949, a autora, professora e ensaísta Jamaica Kincaid adotou o nome pelo qual é mais conhecida ao desenvolver a perspectiva de que uma outra identidade, expandida de si, seria necessária para contar as histórias referentes a realidades vividas por ela e por outras pessoas em Antígua. Anos depois de se mudar para os Estados Unidos, em 1973, após frequentar a Universidade, Kincaid passa a trabalhar no jornal *New Yorker*. Suas obras variam entre diferentes estilos, como coleção de contos e romances, cujos títulos mais conhecidos são *A Autobiografia da Minha Mãe*⁷ (2020), *At the Bottom of the River* (1983) e *Annie John* (1985).

As temáticas abordadas por Kincaid refletem os cenários enfrentados por países caribenhos, especialmente aqueles com marca do colonialismo britânico e, conseqüentemente, do imperialismo estadunidense. Centralizadas em protagonistas mulheres, advindas de países das antigas Índias Ocidentais, as obras de Kincaid problematizam questões como gênero, colonialidade, estruturas discriminatórias, além de denunciar os resquícios do imperialismo e da exploração das populações outrora colonizadas.

Kincaid, em entrevistas (1991), já afirmou manter a relação da sua terra natal com as obras, principalmente quando observado o relacionamento entre as protagonistas e as suas mães. Essa posição, por vezes, pode ser analisada sob a interpretação de uma “mãe” Inglaterra com os seus “filhos” colonizados. Em mais de uma obra, é notável o distanciamento desse vínculo demonstrado, seja de forma emocional ou geográfica, sendo sempre perceptível um grau de hostilidade. A afirmação e busca das protagonistas por sua identidade, seja questionando o lugar que ocupam na sociedade na qual vivem ou serão inseridas, seja combatendo expectativas de comportamentos subalternizados com os quais não compactuam.

Essa busca por identidade é reconhecida pela constante falta de pertencimento com o meio e outros personagens com que convive. Um aspecto importante nas obras de Kincaid é como elementos narrativos podem ser contrastados com fatores da vida da escritora, mesmo que suas obras não sejam classificadas como autobiográficas.

Foi na adolescência que as condições financeiras impulsionaram a migração de Kincaid para os Estados Unidos, que precisou deixar Antígua e os estudos para trabalhar como *au pair*⁸. Essa função é ainda uma forma de imigração muito presente, principalmente

⁷ Do original, em inglês: *The Autobiography of My Mother* (1996).

⁸ Comercializado atualmente como uma forma mais barata de intercâmbio e com retorno financeiro, o programa de “viagem” tem como público principal mulheres, e as agências de representação possuem diversos critérios, como idade entre 18-26 anos e falta de dependentes. (Werneck; Luna Freire; Souto Maior, 2024. p. 8).

para jovens oriundas de países que já foram colonizados, sendo exatamente o que acontece com a personagem principal de *Lucy*. Publicado originalmente em 1990, a novela tem uma protagonista homônima que migra do Caribe para os Estados Unidos para trabalhar na casa de uma família branca. Revelando ao decorrer da história seu complicado relacionamento com familiares, e a desconexão com seu país de origem, Lucy no início até mesmo carrega ideais remanescentes de um Sonho Americano. Mas em meio aos comportamentos da família estadunidense e de conhecidos, não demora a perceber que a ideia não passa de uma utopia.

Em *Lucy*, o leitor é constantemente imerso nos pensamentos e questionamentos da protagonista, que constrói uma narrativa de oposição aos mecanismos de subalternização, ao mesmo tempo em que entra em uma busca constante por uma identificação consigo mesma e suas origens. O fator de ligação entre a autora e a obra foi observado como um mecanismo de reflexão sobre como elementos narrativos podem ser localizados no mundo material. Relatando sobre vivências encontradas no cotidiano de mulheres imigrantes de países do Sul Global e o modo como estes também estão presentes em Adichie e sua obra “No Seu Pescoço”.

1.3 Decolonizando o pensamento feminista: Chimamanda Ngozi Adichie e sua escrita política

De ascendência Igbo⁹, a nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, nasceu em Enugu em 1977 e é considerada uma das escritoras mais proeminentes da atualidade, tendo o seu trabalho traduzido em mais de 30 idiomas. Adichie é a quinta de seis filhos de classe média, com pais envolvidos no meio acadêmico. As protagonistas de Adichie são majoritariamente nigerianas em busca de autonomia. Suas obras debatem questões de gênero, de imigração, assimetrias de poder, violência contra a mulher e religião. Discute também a dependência financeira que afeta muitas mulheres durante o casamento como também sobre os preconceitos sofridos por imigrantes ao chegarem nos Estados Unidos.

Chimamanda Adichie (2009) ressalta importantes pontos sobre os perigos de uma análise única sobre vivências. O primeiro exemplo é sobre como sua visão na infância, como uma escritora iniciante, foi afetada pela suas leituras, que somente continham narrativas inglesas e estadunidenses. Dessa forma, seus personagens e enredos exerciam comportamentos como aqueles das histórias que lia, mesmo que completamente distantes, pois aquele era o único mundo literário que conhecia até então. Esse olhar mudou depois que começou a ter contato

⁹ Grupo linguístico e étnico na Nigéria.

com escritores africanos como Chinua Achebe, com os quais percebeu que narrativas próximas a si existiam, e que poderiam sim, ser contadas. Adichie ainda afirma a necessidade de combate a estereótipos que reforçam a caricatura de culturas, e a forma como vivências oriundas de países colonizados tendem a ser reduzidas.

Aos 19 anos, mudou-se da Nigéria para os Estados Unidos, e foi confrontada pelas visões sobre o continente africano e as pessoas, reduzidos aos estereótipos de pobres e sofredoras, justamente por ser a única história que os estadunidenses conheciam acerca da cultura. Ao viajar para o México, ela se impressionou ao ver a normalidade do cotidiano daquela população, totalmente oposta ao retrato perpetuado pela mídia estadunidense. E envergonhou-se ao perceber vítima dos mesmos estereótipos pelos quais havia sido afetada.

Adichie (2024) também critica o comportamento imperialista ao falar da quantidade de objetos culturais de países colonizados retidos em museus da Europa. Para a autora, tal prática demonstra a falta de reconhecimento das culturas autóctones como legítimas, ao mesmo tempo em que afirma o enriquecimento ilícito dos museus europeus às custas da herança cultural de países explorados e espoliados pela expansão imperialista.

Escritora premiada, é mais conhecida pelos seus romances *Hibisco Roxo* (2003), o ganhador do Orange Prize *Meio Sol Amarelo* (2006), e o também premiado e best-seller *Americanah* (2013). Adichie também produziu ensaios e contos, entres os quais estão *Sejamos todos feministas* (2014), *Para educar crianças feministas* (2017) e o seu lançamento mais recente *Notas sobre luto* (2021) em que fala sobre a perda do seu pai e reflete sobre perdas e memória. A coletânea de contos *No Seu Pescoço* (2017) reúne doze narrativas acerca de imigração, relações interpessoais e religião.

O conto que dá nome à coleção tem como protagonista Akunna, uma jovem que migra da Nigéria para os Estados Unidos em busca de estudos e mais oportunidades. A viagem é vista como um grande feito por seus conterrâneos em sua terra natal, cultivados pelas expectativas de ascensão pela crença no Sonho Americano. Entretanto, a protagonista logo percebe as dificuldades de uma imigrante naquele país, frente aos diversos mecanismos de outremização que lhe são impostos em relação às suas categorias de identificação.

CAPÍTULO II: UM BREVE CONTEXTO HISTÓRICO DA COLONIZAÇÃO BRITÂNICA NO CARIBE E NA ÁFRICA E A IMIGRAÇÃO AOS EUA

2.1 Antígua e Barbuda: escravização, colonização Britânica e o Sonho Americano

Os territórios de Antígua e Barbuda, assim como outros países da América Latina e Caribe, trazem até hoje os efeitos das interferências das antigas potências ocidentais imperialistas. Dividido entre duas ilhas principais, Antígua e Barbuda tem como a capital St. John, e estudos apontam que os primeiros povos a habitarem o território foram os *Arawak*, que após disputas foram seguidos pelos *Caribs*. Nesse sentido, mesmo que disputas territoriais fizessem parte da história do país, nada poderia ser equiparado à chegada dos Europeus.

A origem do nome Antígua é atribuída a Cristóvão Colombo, que avistou a ilha durante uma de suas viagens em 1493. De acordo com Consulado Geral de Antígua e Barbuda (2024), apesar da escolha do nome, Colombo nunca chegou a desembarcar nas ilhas gêmeas. Em 1632 foram iniciadas as primeiras investidas diretas do governo britânico, quando um grupo liderado por Edward Warner desembarcou na ilha, a clamando sob o poder da coroa Inglesa. O grupo estabeleceu uma base, onde passou a ser confrontado pelo *Caribs* que eram contra a chegada de colonizadores. Entretanto, mesmo com a resistência, o Império se sobressaiu, anexando o futuro país aos seus domínios, e iniciando mudanças nas estruturas sociais e políticas do local. Assim como grande parte das colônias europeias caribenhas, Antígua e Barbuda tinham a monocultura da cana de açúcar como sua força econômica, e em 1674 foi estabelecida a primeira grande *plantation*¹⁰ que impulsionou a chegada dos senhores de engenho, e estabeleceu a rota do tráfico transatlântico.

Mesmo com a abolição da escravidão em Antígua e Barbuda em 1834, o sistema exploratório opressor resultante dos anos de tráfico não cessou de imediato, e as estruturas de subalternização econômica, racial e de gênero permaneceram. Mesmo após a sua independência, que só aconteceu em 1981, as ilhas gêmeas passaram a fazer parte da lista de países latinos que estavam sob algum poder da propaganda dos Estados Unidos, estabelecidos como uma nova potência imperialista, sendo o novo referencial de poder para países de histórico colonial.

¹⁰ Sistema agrícola de monocultura estabelecido na era colonial.

A partir de 1930 o governo dos Estados Unidos iniciou a difusão do que viria a ser a sua principal ideologia, o Sonho Americano. A ideia de que dentro da sua fronteira todos teriam alcance a possibilidades de prosperidade econômica e acessibilidade social foi espalhada a nível mundial, alcançando ao longo dos anos regiões como a Ásia, América Latina e África. Além disso, a grande presença estadunidense nas políticas dos países latinos em meio de governos e comunidades marcados por resquícios coloniais, resultou em um nível de dominância e interferência estadunidense.

Exemplos de tais vivências existem em países latinos que passaram por períodos de ditaduras militares fomentado¹¹ pelo governo americano. Baseados em financiamentos dos regimes ditatoriais sob a pretensa desculpa de proteger essas nações de uma ameaça comunista, travou-se diretamente uma disputa de poder com a União Soviética por países na América Latina. As consequências das imposições de poder dentro da América Latina e Caribe é ainda visível na atualidade, porém são negligenciadas pelos cidadãos e governantes estadunidenses, que não enxergam como a imigração e as diásporas estão intrinsecamente ligadas a esse passado recente.

Ao observar os dados do *Migration Policy Institute* (2022) sobre a migração dos países caribenhos, outros motivadores são apresentados para a história das diásporas voluntárias e em massa para o país do Norte Global, onde funcionários caribenhos foram contratados para suprir as demandas das indústrias de colheita de frutas. Ainda assim, a propaganda criada sobre a utopia do Sonho Americano pode ser compreendida como um dos principais motivadores das migrações. Mais uma prova desse cenário se configura quando averiguamos o contexto da Nigéria, espaço geopolítico também importante para essa análise.

2.2 Nigéria: invasão imperialista na África, lutas anticoloniais e as diásporas africanas

A diáspora contemporânea do continente africano com destino aos Estados Unidos da América tem como principal fator a invasão dos países europeus à África no século XIX. Apesar do contato prévio entre os dois continentes - pela colonização da América, e a sustentação do mesmo pelo tráfico e escravização de comunidades africanas - foi o imperialismo que espoliou o continente de maneira definitiva. Organizada pelo governo da

¹¹ Nos anos de 1970 tem início a operação Condor, um acordo de espionagem entre os EUA e os países ditatoriais latinos que representou um dos períodos mais sangrentos de suas histórias modernas e a demonstração do controle estadunidense.

Alemanha, a partir da conferência de Berlim em 1885, teve como objetivo instaurar um acordo entre as principais potências da Europa ocidental para a conquista definitiva da África. As potências europeias utilizavam a força de trabalho da população local sobre as quais exerciam total autoridade para desenvolver e enriquecer a metrópole, estabelecendo assim uma influência que perdura até hoje.

A dominação britânica na Nigéria encontrou resistência e diversas revoltas ocorreram com o objetivo de conquistar a liberdade perante ao Império Britânico. Em 1929 um grupo de cerca de 10.000 mulheres Igbo marcharam utilizando palavras de ordem, danças e destruindo símbolos da representação colonial, contra a implementação de mais impostos pelos britânicos, que buscavam maneiras de se reerguer financeiramente após a Segunda Guerra Mundial. Cerca de 50 mulheres foram assassinadas na que ficou conhecida como *Aba Women's Riot*, um dos episódios mais centrais para a luta anticolonial nigeriana. O ato resultou em mais protestos contra o domínio britânico no país, que se declarou independente em 1960. O período pós-independência culminou em uma guerra civil, conflitos armados e uma insegurança política que perdura até a atualidade.

Segundo Ferreira (2002), o controle dos recursos naturais dos países africanos pelo ocidente e as dependências de capitais estrangeiros são algumas das consequências do período neocolonial. Esses fatores, em conjunto com a precarização do desenvolvimento dos países, são alguns dos principais fatores a fomentar a imigração de parte da população africana, que não visualizava uma melhoria se permanecessem no continente. Assim como na América Latina e Caribe, essa realidade foi o cenário perfeito para a disseminação do utópico Sonho Americano, implementado globalmente desde os anos 30, que, juntamente com o idioma, faziam dos Estados Unidos o destino principal para nigerianos privilegiados.

Segundo o *Migration Policy Institute* (2015), os Estados Unidos são o principal destino para nigerianos, e a sua população constitui uma parcela muito grande da comunidade diaspórica moderna e contemporânea no território estadunidense, em expansão desde 1980. Ainda assim, dados mostram que a população nigeriana diaspórica tem mais probabilidade de emprego em trabalhos braçais do que a população dos EUA. Ainda que que migrantes nigerianos maiores que 25 anos possuam 12% a mais de diplomas de graduação do que estadunidenses, os lares administrados por nigerianos nos Estados Unidos têm somente uma mínima vantagem na renda da família, demonstrando que a escolaridade mais alta não implica em melhores oportunidades de emprego.

A influência dos Estados Unidos enquanto potência mundial, fomentada pela herança colonial e imperialista e perpetuada pela globalização, é importante para as futuras análises

deste presente trabalho. Ao analisar as duas obras do corpus do nosso trabalho, percebemos um ponto em comum: ambas as protagonistas, Akunna e Lucy, são motivadas a imigrar para os Estados Unidos devido à exploração dos seus respectivos espaços geopolíticos por potências ocidentais. É possível, portanto, acompanhar suas trajetórias pessoais ao chegarem nos Estados Unidos, e como suas vidas são afetadas por suas posições subalternizadas dentro de uma sociedade construída com base na colonialidade de poder.

2.3 Corpos em diáspora

O território dos Estados Unidos não seria o mesmo sem os movimentos de diáspora e imigração ao longo de sua história. Um importante campo de estudos desde o final do século 20, os Estudos Diaspóricos e o conceito de diáspora é empregado para definir o deslocamento de povos, com frequência motivados por opressão, conflitos e perseguições políticas ou religiosas: “Diásporas, o movimento voluntário ou forçado de pessoas das suas terras natais para novas regiões, é um fato central histórico de colonização¹²” (Ashcroft; Griffiths; Tiffin, 2007. p. 61, tradução nossa).

O teórico Stuart Hall afirma: “A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades — os legados do Império em toda parte — podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento — a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor” (Hall, 2003. p. 28). Assim, a conexão entre as diásporas passado e presente vem do ideal criado e perpetuado de que o sujeito encontrará seu local de pertencimento ao alcançarem os seus destinos.

Ao dialogar sobre esse processo, é necessário analisar o histórico existente entre as diásporas, e é imperativo para o desenvolvimento deste trabalho um olhar enfatizado para a Diáspora africana. Tendo sido o tráfico transatlântico o principal catalisador, a diáspora do período da colonização foi a transferência violenta de corpos oprimidos, imposta pelas potências imperialistas. O processo de sequestro e escravização de milhares de pessoas no continente africano tinha como objetivo seu realocamento às Américas para subalternização em trabalhos forçados e brutalização de seus corpos.

Dentro da sociedade contemporânea, tal temática exige que consideremos um nível extra na hierarquia dentro das estruturas de gênero, raça, classe e origem quando discutimos sujeitos migrantes de países do Sul Global, subalternizados ainda por um cenário neoliberal.

¹² Diasporas, the voluntary or forcible movement of peoples from their homelands into new regions, is a central historical fact of colonization.

Assim, cria-se a ideia de que a forma de concreta mudança social pelo indivíduo seria através da migração para os Estados Unidos. Isso ocorre devido ao processo de supervalorização do próprio governo estadunidense que, através de manobras políticas e sociais, alimenta indivíduos do Sul Global com uma falsa imagem de democracia e oportunidades iguais para todos.

2.4 A utópica terra das oportunidades: globalização, colonialidade de poder e o trabalho imigrante

Utilizado desde de 1931 como hino nacional dos Estados Unidos, a composição *Star-spangled Banner*¹³ traz em suas duas últimas linhas: “E a bandeira estrelada em triunfo devemos acenar / Sobre a terra dos livres e lar dos corajosos” (tradução nossa). A mensagem, assim como a data, são compatíveis com a ideologia do Sonho Americano, umas das estratégias utilizadas para disseminação do país como destino dos indivíduos livres e corajosos. Tais características forjaram a identidade estadunidense através de um sonho disponível apenas para pessoas especialmente escolhidas.

A globalização é um processo que tem como objetivo a integração mundial através de movimentos artísticos, sociais, linguísticos e culturais. É através dessa estratégia que os costumes do país norte-americano são fortemente disseminados pelo globo, especialmente para países com o qual compartilham uma relação econômica. Assim, é fomentada uma falsa conexão entre os indivíduos do Sul Global e a cultura estadunidense, que transmite uma falsa sensação de aceitação das culturas estrangeiras. Ao constantemente apresentar aspectos culturais estadunidenses como referenciais mundiais, a globalização também é utilizada para instaurar uma hierarquia de costumes.

Nessa perspectiva, é possível associar a influência externa estadunidense sobre outros países com a colonialidade de poder. Desenvolvida a partir da definição criada pelo sociólogo Aníbal Quijano (2000, 2005), a teoria define a existência do padrão de poder de países do Norte Global sobre outros espaços geopolíticos. Construído a partir da exploração das antigas colônias e perpetuado pela construção de exploração de corpos diaspóricos pela indústria capitalista neo-liberal, define: “Não se trata de um poder simples, homogêneo ou dicotômico, a matriz colonial de poder é uma estrutura complexa que se manifesta em diferentes níveis de articulação” (Santos; Santana, 2022. p. 64).

¹³ A bandeira estrelada, tradução nossa.

Ainda para Quijano, a exploração laboral é estruturada pela colonialidade de poder e baseada em eixos como de raça: “As novas identidades históricas produzidas sobre a ideia de raça foram associadas à natureza dos papéis e lugares na nova estrutura global de controle do trabalho” (Quijano, 2005. p. 118). Entretanto, é importante ressaltar que a análise de Quijano, apesar de mencionar o eixo gênero, não reflete sobre a diferenciação imposta às mulheres, que ocorre de maneira desigual aos homens uma vez que seus corpos são duplamente explorados-enquanto mulheres e enquanto migrantes.

Dessa forma, o grande deslocamento de pessoas que têm como destino os Estados Unidos resulta das influências causadas pela globalização e colonialidade de poder. Os sujeitos migrantes acreditam que todos os seus sonhos serão alcançados mas desconhecem que terão que se submeter a condições adversas de trabalho, bem como a preconceitos de toda sorte. A posição do sujeito migrante proveniente de países do Sul Global dentro da sociedade estadunidense é baseada na subalternização. Os imigrantes são vistos como cidadãos de segunda classe, verdadeiramente indesejados, e vários discursos políticos os culpabilizam pelas diferentes crises existentes dentro de suas fronteiras.

Propagado como um país de imigrantes, os Estados Unidos utilizam dessa mensagem como mais uma ferramenta de integração política e dependência de países estrangeiros. Apesar da importância inegável do processo de imigração para a construção de sua identidade nacional, os recém-chegados são, na prática, restringidos em diferentes âmbitos, seja em forma de políticas governamentais discriminatórias ou na perpetuação de comportamentos preconceituosos nas suas estruturas sociais.

Em 2018, uma dos maiores escândalos envolvendo o sistema de imigração dos Estados Unidos foram os relatos das inúmeras celas onde crianças eram colocadas no Centro de Patrulha - conhecido pelos imigrantes como “La Perrera”¹⁴ - ao serem separadas dos pais sem documentos na fronteira. Esse é mais um exemplo de como o sistema de subalternização é iniciado antes mesmo de cruzar a fronteira. Propagar a falsa ideia de que estavam sendo presos apenas por serem imigrantes ilegais é um desconhecimento da verdadeira problemática, de que os EUA utilizam de uma propaganda atual baseada em seu passado imperialista para benefício político, alienados para as consequências de tais implementações.

Os espaços reservados a indivíduos migrantes são designados fundamentados no que são considerados inaceitáveis para o cidadão estadunidense. Estruturalizado assim a imigração como a nova produção de mão de obra barata, produzida por migrantes que necessitam ocupar os espaços não somente para sua sobrevivência, mas para a de seus familiares em seus países

¹⁴ Em tradução livre BCC: O canil.

de origem. É necessário também reconhecer que a hierarquia de corpos existe mesmo dentro da sociedade americana: As mulheres negras sempre se encontraram em tentativas de confinamento em locais de opressão, mas o corpus analisado neste trabalho adiciona mais uma camada na base dessa pirâmide, pois as protagonistas ocupam essa linha como mulheres negras, imigrantes do Sul Global, recém-chegadas aos Estados Unidos.

Ao falar sobre a colonialidade de poder, Quijano não possui uma especificação para o peso que as sistemáticas de gênero podem ter sobre os sujeitos, e como podem ser utilizadas como um segundo nível controle: se os espaços designados para indivíduos migrantes ou mulheres negras já é reduzido de oportunidades e impregnado de mecanismos de subalternização, ao unir estes em um ser teríamos indivíduos duplamente oprimidos. Portanto, o próximo capítulo desta pesquisa procura refletir sobre as problemáticas existentes para mulheres imigrantes, considerando a interseccionalidade de raça, classe, origem e gênero.

CAPÍTULO III: GÊNERO, IDENTIDADE E RESISTÊNCIA DOS *SUJEITOS* DIASPÓRICOS

3.1 Outremização e o gênero do *sujeito* migrante na contemporaneidade

Quando falamos sobre os Estados Unidos, concordamos que “Nenhuma intervenção mudou mais a cara do feminismo norte-americano do que a exigência de que pensadoras feministas reconhecessem a realidade de raça e racismo” (hooks; 2018. p. 89). Nesse sentido, ao falar sobre as vivências de mulheres migrantes, todos os pontos mencionados anteriormente são utilizados para compreender a subalternização destes *sujeitos* diaspóricos:

Fora dos Estados Unidos, as discussões têm focado na necessidade de prestar atenção ao imperialismo, à colonização e a outras formas locais e globais de estratificação, que dão peso à afirmação de que o gênero não pode ser abstraído do contexto social e de outros sistemas hierárquicos. (Oyěwùmí, 2020¹⁵. p. 173)

Dessa forma, assim como na seção anterior procuramos discutir a construção dos Estados Unidos como um sonho imigrante utópico, no presente capítulo tentaremos argumentar que a posição de mulheres em diáspora provenientes do Sul Global nos Estados Unidos é ainda mais precária. Segundo dados da Organização das Nações Unidas sobre como a imigração tem um problema de equidade, aproximadamente metade dos imigrantes no mundo são mulheres e, de forma geral, buscam melhorias e aprimoramentos nos campos profissionais ou socioeconômicos.

Contudo, mesmo que parte das motivações de migração sejam também aplicadas aos seus compatriotas, como acesso a melhores condições de vida ou fuga de conflitos políticos-militares, as mulheres migrantes também tentam escapar de condições de opressão baseadas em gênero. Casamentos forçados, falta de acesso à escolaridade, exploração sexual e mutilações são alguns dos exemplos de violências relatadas por estas mulheres que, acreditando no Sonho Americano, enxergam nos Estados Unidos uma possibilidade de mudança.

Entretanto, como mencionado anteriormente, as condições de trabalho de mulheres que migram para o território estadunidense são muito mais desiguais. Basta partirmos das

¹⁵ Artigo originalmente publicado em inglês em *Jenda: a Journal of Cultural and African Women Studies*, v. 2, n.1, 2002, p 1-9.

oportunidades de emprego disponibilizadas, que são concentradas em respectivas áreas, e impossibilitam o acesso destas mulheres a outros campos.

Migração é um processo gendrado que impacta diferentemente mulheres e homens. E é enraizado em uma globalização sexual da divisão de trabalho [...] Estereótipos de gênero limitam a autonomia e o processo de tomada de decisões de mulheres, aumentando sua vulnerabilidade a violações sistemáticas dos seus direitos humanos¹⁶. (UN Women, 2020, tradução nossa)

Restringidas a certas áreas de atuação, mulheres migrantes afro-diaspóricas não podem atuar de acordo com suas competências. Mesmo que tenham diplomas e habilidades profissionais iguais ou melhores do que seus contrapartes masculinos, são obrigadas a aceitar subempregos em prol da sua sobrevivência econômica. Muitas mulheres racializadas ficam às margens das oportunidades de emprego devido aos rigorosos padrões exigidos por empresas, que as exclui dos seus quadros de empregados por seu sotaque, aparência ou etnia. Obviamente, isso resulta em uma dificuldade maior de acesso aos mesmos espaços que outros migrantes e as mulheres brancas daquele país.

Segundo a Organização das Nações Unidas, em 2020: “Migrantes, especialmente mulheres migrantes, têm a maior taxa participação em força de trabalho (72,2 por cento) que não migrantes (63,9 por cento)¹⁷”. Porém, é necessário observar que essa força de trabalho não é exercida dentro do campo trabalhista desejado, sendo-lhes restringidas as vagas remanescentes de todos os outros grupos da pirâmide social. As ocupações direcionadas a elas como assalariadas são usualmente funções de cuidado - babás, empregadas domésticas, cuidadoras de idosos - ou subempregos- garçonetes, lavadoras de pratos, copeiras que culminam em posições de cuidado. Tal percepção sobre as diferenças entre as mulheres estadunidenses brancas e as diaspóricas é necessária não para negar os meios de opressão com as próprias mulheres locais dentro de uma sociedade patriarcal conservadora, mas para perceber os diversos processos de subalternização a que são submetidas mulheres migrantes.

Nesse sentido, o peso da diferenciação que ocorre devido a eixos de como gênero, raça, nacionalidade e identidade de gênero é utilizada para a manutenção de opressões recorrentes. Comportamentos sociais de cunho imperialistas construídos através de estruturas

¹⁶ Migration is a gendered process that impacts women and men differently. It is entrenched in a globalization sexual division of labour [...] Gender stereotypes limit women’s autonomy and decision-making process, increasing their vulnerability to the systematic violation of their human rights.

¹⁷ Migrants, especially migrant women, have higher labour force participation rates (72.7 per cent) than non-migrants (63.9 percent)

como racismo, sexismo e xenofobia são as diferentes ferramentas de subalternização de sujeitos sociais.

Um dos fenômenos identificados com o intuito de implementar padrões de intolerância é a outremização. Através deste padrão comportamental, os indivíduos de específicas nações e grupos passam a ser consideradas como um “*Outra/o*” para as comunidades residentes. O “*Outra/o*” não é tido somente como estrangeiro ou diferente, mas sim recebe a conotação de não-participante da mesma categoria. Em outras palavras, acaba sendo transformado em não-humano. Esse conceito é utilizado para explicar métodos de opressão a sujeitos migrantes, que passam a ocupar espaços (de emprego e moradia), considerados inferiores aos cidadãos da nação com marcas de colonialidade.

A identificação do sujeito diaspórico como “*Outra/o*” também implica em descaracterização das comunidades residentes de quaisquer associações negativas. Ao proclamar o “*Outra/o*” como responsáveis como bárbaros, desprovidos de civilidade e humanização, o permanente se afasta totalmente desta faceta, se tornando um protetor moral. Assim, os papéis são invertidos entre opressores e oprimidos, e a comunidade permanente se blinda de reconhecer seus comportamentos vis. Ao debater sobre a Outremização em seu livro *Memórias de Plantação* (2019), Grada Kilomba foca no que podem ser as primeiras aplicações do termo, as estruturas racistas aplicadas aos escravizados na era colonial.

Essa cisão evoca o fato de que o sujeito branco está dividido dentro de si próprio, pois desenvolve duas atitudes em relação à realidade externa: somente uma parte do ego - a parte “boa”, acolhedora e benevolente - é vista como “eu” e o resto - a parte “má”, rejeitada e malévola - é projetada sobre a/o “*Outra/o*” como algo externo. (Kilomba, 2019. p. 36)

No caso da comunidade imigrantes contemporâneas, esse padrão também é identificado pela perpetuação de falas e comportamentos desumanizadores. Os casos podem ser localizados em duas divisões principais recorrentes: na primeira, a outremização é omitida sob a farsa de preocupação ou desconhecimento inofensivos; já na segunda divisão, o sujeito migrante sofre com uma abordagem mais direta, escalando até agressões físicas. Kilomba afirma que a outremização continua: “Permitindo a branquitude olhar para si como moralmente ideal, decente, civilizada e majestosamente generosa, em controle total e livre da inquietude que sua história causa” (Kilomba, 2020. p. 37). Dessa maneira, quando acrescentado o gênero como mais uma categoria de análise, é possível entender como a

outremização também pode ser aplicada a mulheres imigrantes, no que diz respeito às ocupações trabalhistas disponíveis a estes *sujeitos*.

3.2 Mulheres diaspóricas e a exploração da força laboral

A pesquisadora Carla Akotirene define que a interseccionalidade:

visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais”. (Akotirene, 2021. p. 19)

Nesse sentido, entende-se o termo como a convergência de fatores de raça, gênero, classe e outros eixos de identidade para a análise de vivências ou cenários. Assim, a percepção do indivíduo e os níveis de subalternização serão definidos perante a sociedade e diretamente afetados pelas suas camadas identitárias. A origem dos mecanismos de opressão aplicados às mulheres afro-diaspóricas é a escravização, herança do colonialismo, que impacta sobremaneira as vidas e as realidades impostas às mulheres negras migrantes na contemporaneidade, já que são perpetuadas pelo neocolonialismo.

Dessa forma, há uma estreita conexão entre as relações de trabalho do passado e do presente. Tomemos como exemplo as mulheres negras escravizadas levadas para os EUA pelo tráfico transatlântico, consideradas aqui como um dos exemplos iniciais da exploração e subalternização sofrida por seus corpos diaspóricos. Eram oprimidas em diferentes instâncias pois eram mulheres e negras, pois além de escravizadas e trabalhadoras das plantations, serviam como escravas sexuais de seus senhores, amas de leite de suas patroas brancas e produtoras de escravizados. Acima de tudo, além de sofrerem com a desumanização aplicada aos homens negros, as escravizadas também eram vítimas de violência de gênero:

Mas as mulheres também sofriam de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas. A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas. (Davis. 2016. p. 25)

Assim, é possível entrelaçar os conceitos de interseccionalidade e outremização que marcam a exploração histórica de corpos femininos negros como a subalternização socioeconômica das mulheres diaspóricas na contemporaneidade. As relações entre a experiência histórica da escravidão e a posição subalterna de mulheres diaspóricas na sociedade estadunidense também são comprovadas pelos espaços de trabalho ocupados por estas imigrantes. Ao serem concentradas em posições de cuidado, mulheres migrantes são comumente direcionadas a papéis como trabalhadoras do lar, atendentes, ou para a área de serviços gerais.

Ao necessitar ficar no novo país, essas mulheres acabam por aceitar não somente um emprego distinto de suas qualificações ou expectativas, mas também as problemáticas que podem existir no meio de trabalho. Sem reconhecimento da sua posição ou rede de apoio, podem ser reféns de diferentes cenários.

[...] incluindo a suspensão ou não pagamento de salários, horas e cargas excessivas de trabalho, abstenção de descanso semanal, privação de comida, condições inadequadas de moradia, confinamento e restrição de comunicação com familiares — tal qual abuso físico, psicológico e sexual¹⁸. (UN Women. Migrant domestic workers, 2020, tradução nossa)

Dados informam que “Dentre 60 trabalhadores do lar no mundo, quase todos são migrantes internacionais, e as mulheres representam 73,4 por cento dos trabalhadores do lar internacionais¹⁹” (Espin, [s.d]). A atenção para esta prática não se trata de deslegitimar essas ocupações empregatícias ou as necessidades das mesmas em sociedade; todavia, o padrão existente carrega consigo uma forte significação, onde corpos racializados são historicamente pré-definidos aos cargos devido a sua aparência e origem. Nesse sentido, é possível elencar paralelos existentes entre as vagas disponíveis a mulheres imigrantes do Sul Global e o cenário colonial nos Estados Unidos.

Os exemplos são comparáveis com o período colonial, pois todo o trabalho doméstico envolvendo a manutenção da residência, esforço físico e cuidado com as crianças da casa grande eram realizados pelas mulheres escravizadas. Esse cenário se perpetuou por tanto tempo que até mesmo resultou no desenvolvimento de teorias de figuras de controle como a

¹⁸ [...] including withholding or non-payment of wages, excessive work hours and workloads, no weekly rest, food deprivation, inadequate living conditions, confinement and restricted communication with their families — as well as physical, psychological and sexual abuse.

¹⁹ Almost every sixth domestic worker in the world is an international migrant, and women make up 73.4 per cent of international migrant domestic workers

*Mammy*²⁰, imagem originalmente utilizada para criar o imaginário de aceitação do papel por mulheres negras. Além disso, baseados em fatores socioeconômicos e de gênero, mulheres afro-diaspóricas são restringidas a posições mais acessíveis, remuneradas abaixo da média salarial da maioria dos trabalhadores.

Com o objetivo de explorar aqueles que não eram considerados humanos, a instituição social dos países colonizadores lucrou financeiramente com o trabalho e violência de corpos forçados à subalternização. Já na atualidade, as mulheres que chegam ao território estadunidense em condição de imigrante do Sul Global são outremizadas pelas ferramentas de opressão, e também exploradas pela sua força de trabalho.

Assim como outros países de histórico imperialista, os Estados Unidos têm uma postura dúbia sobre imigrantes em seu território. Ao mesmo tempo que publicamente repelem aqueles atraídos pelo fantasioso Sonho Americano, também se aproveitam de suas condições precarizadas para sustentação de sua estrutura econômica. As mulheres afro-diaspóricas são forçadas pelas condições impostas a perpetuar cenários coloniais e de outremização para sua sobrevivência. Mulheres migrantes são concomitantemente desamparadas até mesmo pelas leis dos países do Norte, que não oferecem reais condições de proteção as migrantes condizentes com o recorte analisado: “Trabalhadoras do lar migrantes também possuem pouco ou nenhum acesso à proteção social, e frequentemente só possuem recursos para emergências de saúde”²¹ (UN. Women. Migrant domestic workers, 2020, tradução nossa).

Em suma, ao constatar os vínculos de natureza entre as funções historicamente exercidas pelas mulheres que simbolizam o corpus de análise desta pesquisa e o seu cenário, é inegável observar como a outremização foi atualizada e adequada a novas camadas identitárias de imigrantes do Sul Global, considerados erroneamente como inferiores. Contudo, no que tange às mulheres imigrantes do Sul Global, vimos que há métodos ainda mais recorrentes de outremização interseccional, como o de negar-lhes o direito a oportunidades dignas de emprego e salário. Essas mulheres resistem a estas diferentes práticas de outremização de formas distintas, mas sempre reafirmando o seu poder enquanto sujeito social perante uma sociedade que busca enfraquecê-las.

Em seguida, abordaremos as questões de identidade e resistência, diretamente ligadas às personagens e textos analisados neste trabalho.

²⁰ Termo em inglês para uma das figuras de controles sobre mulheres negras nos Estados Unidos, analisadas por Hill Collins (2019).

²¹ Migrant domestic workers also have little or no access to social protection and often only have recourse to emergency healthcare.

3.3 Identidade e resistência

A a identidade do sujeito diaspórico é uma temática extremamente presente nos trabalhos da autora chicana²² Gloria Anzaldúa que desenvolve sua teoria sobre uma identidade que está dividida à procura do pertencimento. Baseada na sua própria história, Anzaldúa constrói uma interpretação de um indivíduo que faz parte de ambas as culturas - a do país em que nasceu, e aquele de seus ancestrais - utilizando o termo *borderlands*, do inglês, fronteira. A teoria afirma que o reconhecimento sobre si mesmo e a procura pela conexão entre o seu “eu” de antes e depois da migração fazem parte da formação de identidade deste indivíduo. Assim como em Hall (2003), Anzaldúa (1987) compreende o sujeito diaspórico imerso em um conflito em uma incerteza sobre sua identidade e seu pertencimento causado pelas marcas do imperialismo: “O Gringo, encarcerado pela ficção da supremacia branca, captura completamente o poder político [...] nós fomos arrancados pela raiz, truncados, estripados, desapossados e separados da nossa identidade e história²³” (Anzaldúa, 1987. p. 7 - 8, tradução nossa).

Em mais uma conexão com o cenário do período colonial, é notável como as mulheres negras escravizadas aplicavam mecanismos de resistência já desde o início do processo. Os relatos de violências aplicadas a elas são inúmeros, mas são indiscutíveis sua luta e resistência enquanto grupo social, mesmo sob constante ameaça de morte e mutilações, como exemplificado a seguir:

Frederick Douglass, [...] lembrou-se do açoitamento e da tortura de muitas mulheres rebeldes. Sua prima, por exemplo, foi terrivelmente espancada por resistir, sem sucesso, ao abuso sexual de um feitor. Uma mulher que era chamada de Tia Esther foi violentamente chicoteada por desacatar seu senhor, o qual insistia que ela rompesse seu relacionamento com o homem que ela amava. Uma das mais vívidas descrições que Douglass faz das brutais punições reservadas às escravas envolve uma jovem chamada Nellie, açoitada pelo delito de “insolência”. (Davis, 2016. p. 31 - 32)

Kilomba (2019) também apresenta mais um relato de resistência a inúmeras tentativas de silenciamento de indivíduos que não aceitavam essa posição. A imagem “Escrava Anastácia²⁴”, amordaçada por uma máscara de ferro, foi produzida durante uma das

²² Termo de identificação utilizado por descendentes de mexicanos nascidos nos Estados Unidos.

²³ The Gringo, locked into the fiction of white superiority, seized complete political power [...] we were jerked out by the roots, truncated, disemboweled, dispossessed, and separated from our identity and our history

²⁴ Sem uma história documentada oficialmente, muitas são as teorias sobre Anastácia, sua vida, origem e nome africano.

expedições realizadas entre 1817 e 1818 no Brasil colonial. O castigo objetivava impedir a fala e alimentação da escravizada após o que supostamente teria sido um comportamento transgressor aos senhores e feitores do engenho. A máscara de Anastácia e sua resistência é peça chave em debates sobre a luta de mulheres escravizadas contra o silenciamento.

Entretanto, é necessário atenção para o apagamento de sujeitos não condizentes com a figura característica de “luta”, pois a máquina de exploração colonial controlava os *sujeitos* diaspóricos, tendo suas atitudes constantemente vigiadas e submetidas a violências. Ademais, o conceito de resistência, normalmente aplicado à ações mais diretas, também pode ser manifestado em diferentes vertentes. A resistência está presente independentemente de como é praticada. Ainda nos Estados Unidos colonial: [...] resistência envolvia ações mais sutis do que revoltas, fugas e sabotagens. Incluía, por exemplo, aprender a ler e a escrever de forma clandestina, bem como a transmissão desse conhecimento aos demais” (Davis, 2016. p. 34).

Mulheres do Sul Global também utilizam de atos de resistência ao longo da histórias de seus países e seu envolvimento com o imperialismo estadunidense. E mesmo em frente ao individualismo capitalista, continuam seus atos de resistência em defesa dos seus direitos ou em busca da sua identidade, que vai além de um corpo outremizado. Assim como mencionado, a resistência à subalternização vem do reconhecimento sobre os processos de opressão, naturalizados ao longo da história. No contexto analisado, as mulheres do século XX e XXI passaram a identificar a ficção acerca da imagem estadunidense criada pelo imperialismo sobre o Sonho Americano.

Resistindo a marginalização e ofuscação, renunciando viver “atrás de reino sombrio de passividade feminina” [...] mulheres estão escolhendo, como alternativa, permanecer na linha de frente, não somente resistindo à invasão do patriarcado, mas também performar seus próprios ataques preventivos²⁵. (Alexander, 2014. p. 94, tradução nossa)

Desta maneira, através dos meios de resistência, a busca pela sua identidade deixa de ser centralizada em um aceitamento acerca dos métodos de subalternização do Norte Global, mas sim uma descoberta de si como um *sujeito* diaspórico. Onde sua identidade é construída entre todos os seus eixos de identificação, incluído o seu “eu” de antes e após o processo de migração.

²⁵ Resisting marginalization and obfuscation, relinquishing living “behind the shadowy realm of female passivity” [...] women are choosing instead to stand on the frontline as they not only resist patriarchal invasion but also stage their own preemptive strikes.

CAPÍTULO IV: O SONHO AMERICANO E O TRABALHO MIGRANTE NAS LITERATURAS AFRO-DIASPÓRICAS

4.1 As obras e os pontos de conexão

Narrado em 1ª pessoa, *Lucy* (1990) acompanha a trajetória da protagonista homônima que sai do seu país de origem rumo aos Estados Unidos, para estudar e trabalhar como *au pair*. Ao longo da narrativa, o leitor é constantemente imerso nos pensamentos e questionamentos da protagonista, que compartilha suas opiniões e vida no novo ambiente. Aos poucos, vemos que Lucy vai se posicionando verbalmente, autoafirmando sua identidade e construindo um espaço de resistência aos mecanismos de subalternização que tentam defini-la. Após os primeiros dias, a protagonista tem a conscientização dos privilégios e sistemáticas de opressão que a rodeiam no novo país.

As interações com Mariah e Lewis, os pais da família anfitriã, de aparentemente acolhedora passam a ser alvos de atenção para Lucy, que identifica a dinâmica superficial do núcleo familiar - constantemente encoberto pelas aparências - mais conscientemente do que os envolvidos. A protagonista vai paulatinamente percebendo os mecanismos empregados por Mariah e Lewis para se manter em posição de privilégio, alheios à opressão que exercem devido a toda uma rede de alienação construída pelo poder que a branquitude proporciona. Ao narrar o cotidiano na casa, a protagonista expõe vivências que relaciona constantemente com aquelas experienciadas em seu país.

Dessa forma, Lucy comprova que as oportunidades de ascensão social no novo espaço geopolítico não são direcionadas a ela, um corpo diaspórico negro, que permanece à mercê de tentativas de subalternização. Entretanto, diferentemente do Caribe, onde era explorado enquanto corpo colonizado, em solo estadunidense ela será explorada pela sua raça e origem do Sul Global. A convivência de Lucy com Mariah e as crianças são fundamentais para a compreensão da perspectiva diferenciada que adotam para a migrante caribenha. Mariah, uma mulher privilegiada nos sentidos de raça e classe, é uma representação da típica dona de casa abastada e branca dos Estados Unidos. Parece completamente alheia às problemáticas que a envolvem, e mais ainda quando afetam indivíduos racializados e pobres como a protagonista.

Simultaneamente, Lucy entra em uma busca constante por uma identificação consigo mesma, em um pertencimento que parece não estar presente em nenhum dos dois países, colocando a personagem em uma constante incerteza de seu lugar. No fim, a protagonista se

muda da casa da família e permanece nos Estados Unidos, entre as lembranças do passado e experiências presentes, ambas afetadas pela imagem deturpada causada pela colonialidade de poder e métodos de violências contra as colônias, não conseguindo ainda compreender os lugares que ocupa nesse novo espaço.

Em “No Seu Pescoço” (2017), Akunna muda-se da Nigéria para os Estados Unidos, e o feito é percebido por todos os conhecidos como a realização de um sonho, que deveria inicializar a sua ascensão financeira e social. Ao mostrar sua vida no país de origem, um quarto dividido com os pais e irmão em uma casa com paredes sem pintura, a protagonista demonstra corroborar com a visão de sua família que enxergava a travessia para o país do Norte como o caminho para o acesso a oportunidades.

Ao chegar aos Estados Unidos, Akunna fica na casa de um conhecido da família, o qual todos chamam de “tio”²⁶, e os relatos dele sobre a vida no interior do Maine - com maioria da população branca - são os primeiros contatos com as experiências de sujeitos diaspóricos migrantes na obra. Quando se candidata a um emprego no posto de gasolina, Akunna inicia seus estudos em uma faculdade comunitária, e mesmo com os cenários de outremização presentes nos meios sociais ocupados, a protagonista confia nos sentimentos positivos evocados pela sensação de afeto que tem da família que a acolheu. Entretanto, este porto de segurança é logo corrompido quando Akunna sofre assédio sexual na casa e, ao cogitar seus diferentes cenários, ela decide deixar a casa sem se despedir, em direção a Connecticut.

Na nova cidade, a protagonista é posta mais uma vez no espaço de outremização, mas agora com a experiência de exploração do trabalho imigrante e as condições de moradia e salário. Ao iniciar um relacionamento com um dos clientes da lanchonete, um jovem branco estadunidense de família rica, Akunna demonstra sinais de incertezas sobre seus sentimentos. Ao mesmo tempo em que o namorado mostra um nível de afeto e reciprocidade iniciais, Akunna também passa a observar os privilégios não reconhecidos por ele. Ao finalmente enviar uma carta para casa, a protagonista é surpreendida com a notícia da morte de um familiar, que a faz regressar para a Nigéria de forma imediata, deixando para trás o namorado e a vida construída nos EUA.

Na análise comparativa proposta por este trabalho, ambas as obras são aproximadas pelas temáticas e vivências das protagonistas, Lucy e Akunna. Centradas nos temas de racismo, sexismo, diáspora e outremização, as obras refletem sobre os obstáculos enfrentados pelas protagonistas e a subalternização de seus corpos. Sendo possível associar a tese de que

²⁶ Doravante, ao mencionar o referido personagem, indetificaremos o mesmo com o uso de aspas.

tais vivências foram estipuladas pela suas identidades e origens, na qual mulheres negras, ao saírem de seus países do Sul Global, são influenciadas culturalmente pelo Sonho Americano, e têm suas expectativas destruídas ao encararem o cenário social e divisões de classe estadunidenses. Mulheres afro-diaspóricas estão, dessa forma, inseridas na pirâmide onde seu trabalho segue uma conduta de exploração remanescentes à escravização para a sociedade americana: “O enorme espaço que o trabalho ocupa hoje na vida das mulheres negras reproduz um padrão estabelecido durante os primeiros anos da escravidão” (Davis, 2016. p. 17). Assim, as protagonistas passam a identificar ferramentas de subalternização, aplicando seus mecanismos de resistência a fim de configurar sua identidade como participantes sociais, e não somente corpos a serem explorados.

4.2 “Poor, poor Visitor”: a quebra do Sonho Americano e a outremização da mulher afro-diaspórica

As suposições acerca da ascensão social e econômica atrelada à imigração aos Estados Unidos são cultivadas antes mesmo da chegada ao país. Em Kincaid, as imagens construídas através do contato em massa da cultura americana exportada reforçam o falso vínculo de conexão com a protagonista. Com uma influência sobre o Sul Global, imagens do cotidiano americano ganham uma conotação utópica na percepção dos sujeitos diaspóricos:

Enquanto dirigíamos, alguém me mostrava um prédio famoso, uma rua importante, uma ponte que quando construída foi entendida como um espetáculo. Em um sonho que costumava ter, todos esses lugares eram pontos de alegria para mim; todos esses lugares eram botes salva-vidas para a minha pequena alma que se afogava²⁷. (Kincaid, 2002. p. 6, tradução nossa)

Da mesma forma, em “No seu pescoço” a protagonista Akunna é recepcionada com uma celebração por seus familiares e amigos ao conseguir a aprovação do seu visto: “Logo depois de você ganhar na loteria do visto americano, eles disseram: daqui um mês você vai ter um carro grande. Logo uma casa grande” (Adichie, 2017. p. 125). Emergidos no ideal de construção do Sonho Americano, acreditam que a realização de uma vida sobre o padrão “americano” será finalmente alcançada, tal qual a realização de seus desejos. “[...] amigos que

²⁷ As we drove along, someone would single out to me a famous building, an important street, a park, a bridge that when built was thought to be a spectacle. In a daydream I used to have, all these places were points of happiness to me; all these places were lifeboats to my small drowning soul.

tinham vindo se despedir de você, se regozijando porque você tinha ganhado a loteria do visto americano, confessando a inveja que sentiam" (Adichie, 2017. p. 128).

Entretanto, as imagens idealizadas dos Estados Unidos passam por um primeiro momento de ruptura ao chegarem ao seu destino. O alcance da colonialidade de poder dentro do território imperialista parece não impactar os *sujeitos* da mesma maneira quando fora dos seus espaços de origem, de caráter subalternizado. A imagem glamourizada até das situações cotidianas, como a de uma refeição, perde a essência ao atravessar o oceano. “Ela a buscou no aeroporto e comprou para você um enorme cachorro quente com mostarda amarela que a deixou enjoada. ‘Introdução aos Estados Unidos’, disse, rindo” (Adichie, 2017. p. 126).

Agora que tinha visto esses lugares, eles pareciam ordinários, sujos, desgastados por tantas pessoas entrando e saindo deles na vida real, e ocorreu para mim que eu não poderia ser a única pessoa no mundo para qual eles eram um acessório de fantasia. Esse não era meu primeiro episódio de desapontamento com a realidade, e não seria o meu último²⁸. (Kincaid, 2002. p. 6, tradução nossa)

A quebra da idealização de uma vida abundante a de equidade dentro dos parâmetros de direitos estadunidenses é feita de forma definitiva no momento que as protagonistas são posicionadas em papéis de outremização. O *sujeito* migrante diaspórico está constantemente refém de cenários que oficializam perspectivas errôneas sobre seu espaço, que o forçam como subalternizados.

Grande parte das experiências vivenciadas por Lucy são adquiridas através do seu convívio com a família anfitriã, onde a outremização sofrida por ela fica evidente: “Foi durante o jantar, uma noite não muito depois que passei a viver com eles, que começaram a me chamar de Visitante”²⁹ (Kincaid, 2002. p. 12, tradução nossa). Não alheios às preocupações de Lucy, a família de Mariah, ao invés de tentar uma aproximação, opta por permanecer na performance da sua branquitude, em um claro movimento para estabelecer limites entre eles e o outro, o *sujeito* diaspórico. O momento seguinte, em que Lucy compartilha de um pesadelo que teve onde era perseguida - de forma similar a um animal preso dentro da casa - por Mariah e Lewis, é um outro exemplo da percepção sobre a outremização da sua identidade:

²⁸ Now that I saw these places, they looked ordinary, dirty, worn down by so many people entering and leaving them in real life, and it occurred to me that I could not be the only person in the world for whom they were a fixture of fantasy. It was not my first bout with the disappointment of reality and it would not be my last.

²⁹ It was at dinner one night not long after I began to live with them that they began to call me the Visitor.

Lewis fez um barulho de engasgo, e então disse, Pobre, pobre Visitante. E Mariah disse, Dr. Freud para a Visitante [...] Eles riram de uma forma suave e carinhosa. Eu queria dizer para eles que [...] apenas pessoas que eram muito importantes para mim já tinham aparecido em meus sonhos. Eu não sabia se eles entenderam isso³⁰. (Kincaid, 2002. p. 13, tradução nossa)

O afeto de Lucy para com aqueles com quem convive diariamente no trabalho não é reconhecido. Apesar de tratar a todos com atenção e se dedicar às tarefas domésticas, como é esperado por aqueles que desempenham função de cuidado, Lucy é lembrada de sua posição inferior a todo tempo, inclusive por outros funcionários da casa, e suas necessidades são ignoradas. Não importa se transita com a família em trem a caminho das férias, ela continua sendo a cidadã de segunda classe e, por isso, inferiorizada.

Na obra de Adichie os padrões de outremização também são verificados em diferentes ambientes, como social e laboral. Como *sujeito* diaspórico, Akunna é constantemente inserida nestas imagens. Ao falar sobre sua vivência na faculdade, revela situações em que a subalternização e o preconceito ainda são propagados para manter o controle sobre a imagem de corpos diaspóricos. Embora tal ambiente devesse estar associado à desconstrução de tais imagens estereotipadas que usualmente ligam mulheres diaspóricas a corpos desprovidos de atração física e intelectual, a vivência de Lucy demonstra que também são responsáveis por perdurar esse retrato. “A preocupação das pessoas brancas com a higiene da mulher negra revela, por um lado, o desejo branco de controlar o corpo negro” (Kilomba, 2020. p 125). Ao conversar com suas colegas de faculdade, Akunna diz: “Elas perguntaram onde você tinha aprendido a falar inglês, se havia casas de verdade na África e se você já tinha visto carro antes de vir para os Estados Unidos. Olharam [...] para o seu cabelo. Ele fica em pé ou cai quando você solta as tranças? [...] Você usa pente?” (Adichie, 2017. p. 126).

Como afirma Kilomba (2019), a imagem do indivíduo diaspórico do Sul Global é cotidianamente associada àquela rejeitada pela branquitude. Nesse sentido, a construção de percepções preconceituosas age como um mecanismo de negação para a existência de tais comportamentos dentro da sua própria comunidade. Ao acreditarem que o cidadão estadunidense ocupa o centro, a sociedade vê o diaspórico como outro, e portanto instigador de condutas consideradas desumanas. Em “No seu pescoço” os vizinhos do “tio” de Akunna acreditam que seja a família responsável pelo desaparecimento proposital de alguns animais pela região, atribuindo a eles uma imagem de barbárie.

³⁰ Lewis made a clucking noise, then said, Poor, poor Visitor. And Mariah said, Dr. Freud for Visitor [...] Then they laughed in a soft, kind way. I had meant by telling them my dream that [...] only people who were very important to me had ever shown up in my dreams. I did not know if they understood that.

Seu tio lhe disse que aquilo era esperado; uma mistura de ignorância e arrogância, foi como ele definiu. Então ele contou como seus vizinhos comentaram, alguns meses depois que ele se mudou, que os esquilos haviam começado a desaparecer daquela área. Disseram que tinham ouvido falar que os africanos comiam todo tipo de animal selvagem. (Adichie, 2017. p 126)

Ademais, a outremização também pode ser praticada por outros sujeitos já pertencentes à dinâmica de poder existente no espaço estadunidense. Indivíduos que fazem parte de grupos minoritarizados também marcados pela diáspora podem reproduzir ideais de subalternização construída dentro dos padrões estadunidenses, aplicando violências em outros corpos. Segundo Akotirene (2021), através do pensamento interseccional é verificada a possibilidade de estes indivíduos sofrerem opressão ao mesmo tempo em que corroboram com opressões. Em *Lucy*, uma das funcionárias da casa, descrita como uma mulher afro-americana, demonstra por duas vezes seu descontentamento com a protagonista: “Eu fui acordada [...] pela própria empregada, uma mulher que tinha deixado eu saber imediatamente, ao me conhecer, que ela não gostava de mim, e me deu como razão o modo como eu falava”³¹ (Kincaid, 2002. p. 9, tradução nossa).

Concomitantemente, a outremização, assim como outras ferramentas de opressão que repercutem o racismo, também assume um carácter sexista quando aplicada a mulheres migrantes do Sul Global. Na obra de Adichie, o comportamento do "tio" de Akunna exemplifica perfeitamente como um sujeito diaspórico pode aplicar a outremização e a opressão de gênero a outro *sujeito*. Ao encurralar a protagonista no quarto de sua residência em que ela dormia, o "tio" tenta assediá-la, pois aquela seria a prática tida por mulheres que queriam alguma ascensão financeira. A sua linha de pensamento, além de menosprezar os alcances de outras vivências de mulheres nigerianas, ainda produz um comportamento manipulador. Afinal, como dono da casa onde Akunna mora e patriarca da família que a acolheu, um “consentimento” poderia ser conseguido somente pela necessidade de não perder tais referências emocionais e financeiras para a protagonista.

[...] puxou-a com força para perto dele, apertando sua bunda, soltando gemidos. [...] ele se sentou na sua cama - a casa era dele, afinal de contas - , sorriu e disse que você não era mais criança [...]. Se você deixasse, ele faria muitas coisas por você. As mulheres espertas faziam isso o tempo todo. Como você acha que aquelas mulheres com bons salários em Lagos conseguiam aqueles empregos? E até as mulheres em Nova York? (Adichie, 2017. p. 127)

³¹ I was awakened [...] by the actual maid, a woman who had let me know right away, on meeting me, that she did not like me, and gave as her reason the way I talked.

Sendo assim comprovada a presença da outremização em ambas as obras, tal qual a dimensão do gênero para a sua culminação, é imprescindível analisar a implantação de múltiplas violências de opressão sobre as protagonistas e seus espaços de trabalho.

4.3 Papéis de cuidado: o campo de trabalho e a exploração de mulheres negras do Sul Global

Nas sociedades capitalistas, a relação entre o mercado de trabalho e os indivíduos sociais é estritamente baseada em lucro adquirido a partir da exploração do trabalho. Entretanto, quando analisados os locais em que os corpos são localizados dentro desta estrutura milenar, é inegável que a posição de indivíduos diaspóricos do Sul Global, são comumente relegados à instância mais inferior de todas. Sendo Lucy e Akunna migrantes do Sul Global, em contexto no qual a mudança para os Estados Unidos foi feita sob a expectativa de uma ascensão financeira, os ofícios ocupados por elas carregam uma significação indispensável para a análise deste trabalho. Investigando as duas narrativas, percebemos que são reveladoras das falhas e fissuras do Sonho Americano para com estes sujeitos, que continuam relegados às funções de cuidado típicas dos seus antepassados, ainda atreladas a um histórico colonial.

Em *Lucy*, a protagonista migra para o novo país a fim de trabalhar como *au pair*, enquanto frequentaria aulas durante o seu horário de descanso. A família, como muitas outras envolvidas neste específico programa de intercâmbio, propaga para Lucy uma imagem de conforto e segurança: “Como todos eram bons comigo, dizendo que eu deveria considerar eles como minha família, e me fazer como em casa. Eu acreditei que eram sinceros, porque sabia que algo assim não seria dito para um membro real da sua família”³² (Kincaid, 2002. p. 9, tradução nossa). Essa falsa proteção difundida através do programa de *au pair* é na verdade um reforço para a formação de condições de trabalho injustas e com relação de poder desiguais.

Dentro deste contexto, a vivência da protagonista no seu local de trabalho é a mesma de sua moradia, e a não separação destes ambientes causa uma mesclagem, que na maioria das vezes se prova tóxica e exploratória para o corpo diaspórico. A personagem Mariah é o principal contraponto de Lucy, com quem a construção de um relacionamento é impedida pela

³² How nice everyone was to me, though, saying that I should regard them as my family and make myself at home. I believed them to be sincere, for I knew that such a thing would not be said to a member of their real family.

manutenção de seus privilégios. Mas é precisamente por ser uma relação trabalhista, que a sua análise é de grande importância para o recorte abordado nesta pesquisa. “Mariah disse para mim, ‘Eu amo você.’ [...] com sinceridade [...]. Eu acreditei nela, porque se existia alguém que pudesse amar uma jovem que tivesse vindo do outro lado do mundo para ajudar a cuidar do seus filhos, era Mariah³³” (Kincaid, 2002. p. 20, tradução nossa). Outro exemplo demonstra como Lucy percebe os meios de outremização aplicados nos discursos de Mariah, os quais revelam uma sensação de posse enfatizada sobre pessoas, como é o caso de um dos trabalhadores da casa de verão: “Eu queria dizer para ele, ‘Você não odeia o jeito como ele fala seu nome, como se ela fosse sua dona?’”³⁴ (Kincaid, 2002. p. 24, tradução nossa).

Mas é ao analisar os momentos de Lucy com as crianças que podem ser encontradas as aproximações entre as relações do locus de trabalho de mulheres negras diaspóricas na atualidade e na era colonial. Assim como as figuras de mulheres escravizadas existentes em casas grandes, as babás e *au pairs* acabam se tornando mais responsáveis pelas crianças do que os próprios pais. Em alguns casos, o papel de alimentar, brincar e produzir oportunidades para tempo de qualidade deixam de ser consideradas importantes fundamentos do relacionamento pais e filhos, e passam a ser entendidas como funções a ser performadas pela *au pair*. Em *Lucy*, mesmo que Mariah ainda ocupe a função de preparação de comida das crianças, ela se prova indiferente aos gostos das filhas, seja por vontade ou desconhecimento. “Ela não gostava disso, então para fazê-la comer eu disse que ela não estava realmente comendo compota de frutas e iogurte, mas sim uma comida que crescia entre as flores silvestres e era muito procurada pelas fadas”³⁵ (Kincaid, 2002. p. 29, tradução nossa). Contudo, apesar das estratégias de Lucy serem eficientes, as mesmas são tidas como impróprias por Mariah, ainda que ela não alimentasse as crianças sozinha.

Eu não era a mãe de Miriam, e, na verdade, sempre que a dava comida e lhe contava essas histórias, em um tipo de suborno para convencer ela a fazer as coisas do meu jeito, eu sempre falava em tom de voz baixo, para que Mariah não escutasse. Mariah não acreditava nesse modo de fazer as coisas. Ela achava que com crianças sinceridade e franqueza, [...] era a melhor maneira³⁶. (Kincaid, 2002. p. 30, tradução nossa)

³³ Mariah said to me, “I love you.” [...] sincerely [...] I believed her, for if anyone could love a young woman who had come from halfway around the world to help her take care of her children, it was Mariah.

³⁴ I wanted to say to him, “Do you not hate the way she says your name, as if she owns you?”

³⁵ She did not like this, and so to make her eat I told her that she was not really eating stewed fruit and yogurt but a special food that grew in wildflowers and was very much sought after by fairies.

³⁶ I was not Miriam’s mother, and, in fact, whenever I fed her and told her these stories, a sort of bribe to get her to do things my way, I always did it in a low voice, so that Mariah would not overhear. Mariah did not believe in this way of doing things. She thought that with children sincerity and straightforwardness, [...] was the best way.

A persistência de Lucy reflete mais uma preocupação com a criança do que propriamente uma estratégia de resistência; ainda assim, enfatiza a relação entre ela e Miriam. O vínculo afetivo gerando entre a criança e sua cuidadora se torna mais estreito do que com a própria mãe, como revela o seguinte trecho:

Eu amei Miriam desde o momento que a conheci. Ela foi a primeira pessoa que havia amado em muito tempo, e não sabia o porquê. [...] Eu tratava ela do modo que lembrava que minha mãe havia me tratado. Quando a escutava chorar a noite, eu não me importava de levantar e a confortar, e se ela não quisesse ficar sozinha, eu a levava para a cama comigo ³⁷[...]. (Kincaid, 2002. p. 35, tradução nossa)

O tratamento de Lucy como o “*Outro/a*” também é identificado em relação ao seu curso, sob o qual é necessário observar que o tempo de estudo é conquistado somente quando ela não tem as crianças sob sua tutela: “Eu levava as quatro meninas para a escola, [...] eu dava o almoço de sopa enlatada e sanduíches. À tarde, eu lia e brincava com elas. Quando estavam longe, eu estudava com meus livros, e a noite ia para a escola³⁸” (Kincaid, 2002. p. 10, tradução nossa). Nesse sentido, mesmo que não seja proibida de frequentar suas aulas, o tempo necessário para aprofundar estudos ou aprimorar seu aprendizado é quase inexistente.

Inserida em recorte similar ao de Lucy, Akunna, também é submetida à outremização envolvendo estereótipos da sua função trabalhista e a continuação de seus estudos. Após fugir da casa do “tio”, a personagem vai até um restaurante, e oferece sua mão de obra por um salário de dois dólares a menos pelo mesmo serviço executado. Em uma nova cidade, sem seus planos ou rede de apoio, Akunna faz essa proposta em um movimento desesperado, mas logo percebe que não se trata de uma prática incomum, não sendo a primeira vez que o gerente, também imigrante, se depara com uma história como a sua. “Disse [...] que todos os imigrantes trabalhavam duro. Ele sabia bem, pois já tinha estado naquela situação. Disse que lhe pagaria um dólar a menos, mas por fora; não gostava de todos aqueles impostos que lhe obrigavam a pagar.” (Adichie, 2017. p. 127).

À vista disso, a protagonista representa a grande parcela de imigrantes que precisam aceitar um salário menor para conseguirem se encaixar nas vagas de emprego fornecidas a fim de manter seu sustento no país. O salário insuficiente inviabiliza um dos principais objetivos

³⁷ I loved Miriam from the moment I met her. She was the first person I had loved in a very long while, and I did not know why. [...] I treated her the way I remembered my mother treating me then. When I heard her cry out at night, I didn't mind at all getting up to comfort her, and if she didn't want to be alone I would bring her into bed with me [...].

³⁸ I walked four small girls to their school, and when they returned at midday I gave them a lunch of soup from a tin, and sandwiches. In the afternoon, I read to them and played with them. When they were away, I studied my books, and at night I went to school.

dos imigrantes no novo país, uma mudança de status econômico. Diferentemente dos seus planos iniciais de alcançar o Sonho Americano, os imigrantes precisam ocupar cargos indesejáveis e em condições de trabalho adversas e que, além de mal remunerados, ainda carregam os status de subalternização perante sociedades do Norte global.

Esse fato pode ser comprovado pela “[...] a frequência com que trabalhadores de outros países são aqueles recrutados para cargos insalubres e mal pagos, como os de atendentes, garçons ou serviços gerais” (Werneck; Luna Freire; Souto Maior, 2024. p. 9). Por conseguinte, os salários de trabalhadores que ocupam funções como a de Akunna necessitam da implementação da prática da gorjeta. Utilizada por empresários que dirigem aos clientes a responsabilidade do pagamento dos seus funcionários, aumentando seu lucro, a gorjeta é tratada por muitos como uma quantia irrisória. Tratando como insignificante o que corresponde ao sustento de muitos: “[...] as pessoas [...] largavam algumas notas de um dólar amassadas sobre a mesa, como oferenda [...]” (Adichie, 2017. p. 129.).

Responsáveis pela manutenção da casa grande e das moradias dos escravizados, as mulheres escravizadas perpetuavam essa imagem de cuidado em ambos os ambientes. Segundo Davis (2016), a performance desse trabalho para suas famílias permitia a essas mulheres um senso de humanização, afinal podiam praticar as noções de cuidado para si, além do que para os senhores e senhoras de engenho.

Aos olhos dos ex-proprietários de escravos, “serviço doméstico” devia ser uma expressão polida para uma ocupação vil que não estava nem a meio passo de distância da escravidão. Enquanto as mulheres negras trabalhavam como cozinheiras, babás, camareiras e domésticas de todo tipo, as mulheres brancas do Sul rejeitavam unanimemente trabalhos dessa natureza. (Davis, 2016. p. 98)

Nesta perspectiva, Akunna reflete sobre as condições impostas a ela pela sua condição financeira. Sustentada pelo seu salário como garçoneiro, a protagonista direciona a maior parte do seu dinheiro para o aluguel do pequeno quarto onde mora: “Às vezes, ficava sentada no colchão cheio de bolotas de sua bicama e pensava no seu país.” (Adichie, 2017. p. 128). A nova realidade salarial a obriga a abandonar seus estudos, irrealizáveis em termos econômicos. Mais uma vez, um dos fatores que impulsionaram a diáspora de Akunna precisa ser negligenciado devido à realidade dos imigrantes dentro do território estadunidense: “Você não tinha dinheiro para fazer faculdade, pois agora pagava aluguel pelo quatinho minúsculo com tapete manchado. [...] a cidadezinha [...] não tinha universidade comunitária, e os créditos da universidade estadual eram caros demais” (Adichie, 2017. p. 128).

As expectativas frustradas também acarretam no desencantamento de familiares e amigos dos sujeitos diaspóricos que permanecem em seus países de origem. Idealizando as condições financeiras que podem ser adquiridas no local de destino, é criada uma visão utópica sobre as conquistas dos seus compatriotas. Para Akunna, a desilusão é narrada no seguinte trecho: “Não foi só para seus pais que queria escrever [...] Mas nunca tinha o dinheiro suficiente para comprar perfumes, roupas, bolsas e sapatos para todos e ainda assim pagar o aluguel com o que ganhava como garçomete [...]” (Adichie, 2017. p. 129).

Apesar dos momentos em que cita problemas vividos na Nigéria, como as desigualdades entre estudantes e a humilhação sofrida por seu pai no trânsito, Akunna demonstra a falta que sente dos seus familiares e da sua cultura. Devido à subalternização e à outremização sofrida no país que deveria representar sua realização social e econômica, a protagonista permanece sem contactar a família para além da quantia de dinheiro que envia para casa. Assim como muitos imigrantes, parte do seu salário é enviada mensalmente: “Todos os meses. Você embrulhava o dinheiro com cuidado em papel branco, mas não escrevia uma carta. Não havia sobre o que escrever” (Adichie, 2017. p. 128). Ainda assim, o isolamento é tido como um artifício de não-aceitação de tudo que foi deixado para trás por um futuro tão incerto.

Destarte, ambas protagonistas são alvos da estrutura preconceituosa estadunidense que sustenta as esferas sociais, trabalhistas e econômicas, desfalcadas das utopias e longe das suas famílias e contextos culturais que constituem suas identidades. No entanto, mesmo dentro dessas retratações imprósperas, as protagonistas conseguem identificar e desenvolver mecanismos de resistência, buscando defender as suas identidades e seu espaço de pertencimento, tema que será tratado a seguir.

4.4 A busca pelo pertencimento: resistência e identidade diaspórica

As personagens de Kincaid e Adichie desenvolvem suas ações de resistência após a percepção das opressões que afetam suas identidades e noções de pertencimento. Inseridos dentro do contexto estadunidense como corpos diaspóricos, o *sujeito* migrante é exposto de forma cotidiana às diferentes versões de comportamentos ligados aos ideais de raça, classe e gênero, nos quais indivíduos pertencentes ao eixo como os das protagonistas analisadas - mulheres negras do Sul Global - são entendidos como não humanos. Esses *sujeitos* têm suas identidades afetadas pelas outremização, e passam por conflitos ao longo das obras envolvendo as sensações de não-pertencimento e a afirmação do seu “eu”. A inadequação

sentida pelas protagonistas é quase imediata, advinda da desconexão com um espaço no qual um falso vínculo foi construído.

Em *Lucy*, mesmo a relação conflituosa existente entre a protagonista e sua família, que fazem com que ela demonstre um nível de distanciamento emocional com seus pais - não são fatores suficientes para anular o desconforto no novo país. “Eu dormi profundamente aquela noite, mas não porque eu estava feliz e confortável - o oposto na verdade; dormi porque não queria tomar mais nada.”³⁹ (Kincaid, 2002. p. 7, tradução nossa). Como *sujeito* diaspórico, Lucy se entende como não merecedora deste espaço, no qual as percepções iniciais são relacionadas com uma imagem de inadequação, ao invés de conforto. Akunna tem este mesmo sentimento de não pertencimento, de não ser realmente vista, que faz com que ela fuja da casa do "tio" sem nem mesmo contactar seus parentes na Nigéria: “Ninguém sabia onde você estava, pois você não contou. Às vezes, você se sentia invisível e tentava atravessar a parede entre o seu quarto e o corredor [...]”. (Adichie, 2017. p. 129).

As ideias de rede de apoio das protagonistas também passam por um processo de desmistificação, reveladas como uma falsa percepção de segurança e pertencimento. A exemplificação principal que une as personagens acerca deste tópico é feita através da passagem sobre os quartos de Lucy e Akunna nas residências ocupadas por elas no início de suas histórias. Em *Lucy* a mensagem de que a família anfitriã seria como a sua própria família foi vendida através da imagem do cômodo, passível de uma análise mais minuciosa ao ser identificado como uma versão de quartos de serviço.

O quarto onde dormia era pequeno, na direção da cozinha — o quarto da empregada. Eu estava acostumada a um quarto pequeno, mas esse era um tipo diferente [...] as paredes iam todo o caminho para cima, fechando o quarto como uma caixa — uma caixa que um cargueiro [...] deveria levar. Mas eu não era uma carga⁴⁰. (Kincaid, 2002. p. 8, tradução nossa)

Esses ambientes são comumente menores, sem banheiro próprio, e em alguns casos até mesmo providos com ventilação e iluminação. Localizado sempre próximo à cozinha, o quarto de serviço passa a mensagem de que os corpos que os ocupam, normalmente mulheres afro-diaspóricas, são integralmente ligados à imagem de seu trabalho. O trecho ainda demonstra a comparação entre a estrutura do cômodo com caixotes dos navios, no qual Lucy

³⁹ I slept soundly that night, but it wasn't because I was happy and comfortable—quite the opposite; it was because I didn't want to take in anything else

⁴⁰ The room in which I lay was a small room just off the kitchen—the maid's room. I was used to a small room, but this was a different sort of small [...] the walls went all the way up enclosing the room like a box—a box in which cargo traveling [...] should be shipped. But I was not cargo

observa que seria equiparada a uma simples carga, algo material e inanimado. Todavia é nessa passagem que também é analisada uma das primeiras disposições de resistência efetuadas pela protagonista de Kincaid, pois se nega a aceitar esse paralelo.

Da mesma forma, em “No seu pescoço”, Akunna é apresentada a contexto afetivo dentro da casa do tio, sendo o único espaço em que a implementação da outremização não era identificada, quando no excerto seguinte reflete sobre a família: “Você ria com seu "tio" e se sentia à vontade na casa dele a esposa dele a chamava de *nwanne*, irmã, e seus dois filhos de “titia”. Eles falavam Igbo e comiam *garri* de almoço, e era como estar em casa.” (Adichie, 2017. p. 127). Assim é possível afirmar como o cenário de afetividade era importante para Akunna, que encontrava nas relações construídas na casa por uma espaço identitário de pertencimento.

Como afirmado anteriormente, as sensações de segurança sobre a residência do "tio" são rompidas quando ela sofre o assédio sexual, mas a partir das observações sobre seu quarto é verificado que, apesar dos aparentes relacionamento de familiaridade, Akunna também era imposta a uma hierarquia dentro da casa. Em um trecho, a voz narrativa afirma que: “[...] seu "tio" entrou no porão apertado onde você dormia ao lado de caixas e embalagens velhas [...]” (Adichie, 2017. p. 127). Em um ambiente onde aparentava ocupar um espaço de equidade, Akunna dorme no porão, cômodo típico de casas estadunidenses associado à ilustração de depósito, que é confirmada pela descrição dos entulhos.

Diferentemente de Lucy e percebida como a menos explícita das protagonistas acerca das suas opiniões (Werneck; Luna Freire; Souto Maior, 2024), Akunna ainda assim desempenha suas ações de resistência, como quando o "tio" a encurrala no quarto, ela se desvencilha dele e decide se trancar no banheiro. O ato de esperar que o agressor vá embora não é simples subterfúgio, mas um exercício de negação à opressão interseccional, e a protagonista deixa a casa como confronto direto à subalternização do seu ‘tio’:

Você se trancou no banheiro até que ele voltasse para cima, e na manhã seguinte você foi embora [...] Perguntou-se o que diria para a mulher para explicar a sua partida. E lembrou-se do que ele dissera sobre o fato de que, nos Estados Unidos, é dando que se recebe. (Adichie, 2017. p. 127)

Nesse sentido, é também indispensável para esta análise a ausência de comunicação de Akunna com a esposa do ‘tio’ - sem nome ou referência própria - e a dissociação daquele espaço como um ambiente de segurança. Akunna não enxerga na personagem secundária um símbolo de conexão para além do núcleo familiar amparado pelo tio. O não pertencimento ao

cenário também corrobora para sua decisão de sair sem deixar nenhum vestígio de sua estadia: aquela família, aquele espaço não são seus, e portanto decide buscar por uma alternativa, uma recordação dos seus vínculos na Nigéria e assim a sua identidade. Para Lucy o não pertencimento identitário é ainda mais pulsante pelos conflitos familiares existentes em seu país natal, e os relacionamentos fragmentados são constantemente referenciados pela protagonista:

Que surpresa era para mim, que eu desejasse estar de volta ao local do qual tinha vindo, que desejasse dormir na cama que agora era pequena para mim, que desejasse estar com pessoas, quais o gesto mais natural me encheria de uma raiva tão forte que desejaria ver todos mortos aos meus pés⁴¹. (Kincaid, 2002. p. 8, tradução nossa)

O questionamento sobre sua identidade se torna ainda mais presente ao distinguir as relações de poder impostas pelos privilégios dos anfitriões. A quebra de expectativa que ocorreu com a construção da sua relação com a família de Mariah e Lewis também se replica com o Sonho Americano, e a idealização construída passa a ser desmistificada. Dar-se conta da utopia da vida estadunidense causa as sensações de perda e desorientação das protagonistas, que em determinados momentos se encontram perdidas. Entretanto, mesmo frente aos questionamentos identitários, as protagonistas permanecem lutando por seus espaços dentro da estrutura social americana.

Mas, como agravante, a composição identitária de Lucy e Akunna são especialmente afetadas pela outremização praticada por personagens próximos a elas. Aprisionados à percepções embebidas em privilégios não reconhecidos. Na obra de Kincaid, Mariah compartilha um ideal nostálgico sobre os narcisos, e a protagonista relembra a época da escola, onde as crianças tinham a obrigatoriedade de aprender um poema do autor romântico William Wordsworth. Ao associar a representação da conduta escolar com a imposição cultural do império britânico sobre suas antigas colônias, o posicionamento de Lucy em relação à visão de Mariah é facilmente entendida. A mais nova afirma que: “Parecia ter conseguido recuperar minha voz. Eu disse, ‘Mariah, você percebe que aos 10 anos de idade eu precisei aprender de cor um poema longo sobre flores que eu nunca veria em minha vida até ter dezenove anos?’”⁴² (Kincaid, 2002. p. 21, tradução nossa). Aquilo que representa o belo

⁴¹ What a surprise this was to me, that I longed to be back in the place that I came from, that I longed to sleep in a bed I had outgrown, that I longed to be with people whose smallest, most natural gesture would call up in me such a rage that I longed to see them all dead at my feet.

⁴² I seemed to get my voice back. I said, 'Mariah, do you realize that at ten years of age I had to learn by heart a long poem about some flowers I would not see in real life until I was nineteen?

para a estadunidense carrega as marcas da expansão colonial para o corpo diaspóricos, que agora resiste a continuidade deste comportamento.

Em “No Seu Pescoço” a demonstração desta conduta alheia às particularidades e outremização de corpos do Sul Global é perceptível em diferentes momentos, mas é a partir de uma interação com o namorado que Akunna percebe que ele também compartilha dessas visões, mesmo sem perceber. Ao contar sobre a vez que o ela e o pai se envolveram em um acidente de carro colidindo com um veículo importado na Nigéria, Akunna lembra da humilhação nas súplicas desesperadas do pai por misericórdia, assumindo a culpa apesar das condições chuvosas. O sentimento confuso de vergonha e raiva tidos naquela noite pela violência de classe fazem que essa fosse uma história com feridas muito expostas para a protagonista, difícil de serem assimiladas. Mas ao ouvir tudo o namorado se portar como se pudesse entender exatamente o que ela sentiu, como se as suas experiências fossem exatamente as mesmas, e ele - homem branco estadunidense, abastado e sem iniciativas políticas - compreendesse verdadeiramente reconhecer as reminiscências dessa opressão. “Ele fez um biquinho, segurou a sua mão e disse que entendia como você se sentia. Você tirou a mão dali, subitamente irritada [...]. Você disse que não havia nada para entender, era assim e pronto.” (Adichie, 2017. p. 133).

Concomitantemente, as protagonistas também resistem a imagens imperialistas, exemplificando condutas de sociedades globalizadas do Norte. Sendo mulheres em posições empregatícias subalternizadas, são colocadas em posições pré-definidas, revelando conceitualizações impregnadas por parâmetros de estereotipação da sua cultura e povo. Akunna relata situações em seu trabalho como garçoneiro que reforçam essa análise: “Muitas pessoas [...] perguntavam quando você tinha chegado da Jamaica, pois achavam que qualquer negro com sotaque estrangeiro era jamaicano. Alguns que adivinhavam que você era africana diziam que adoravam elefantes [...]”. (Adichie, 2017. p. 130). E em *Lucy* o padrão de destratamento sobre a identidade geopolítica da personagem é também feita quando é introduzida a uma conhecida da família anfitriã:

[...] a primeira coisa que ela disse para mim [...] foi “Então você é das ilhas?” Eu não sei porque, mas a forma como ela disse fez uma fúria se espalhar em mim. Eu estava prestes a responder ela dessa forma “Que ilhas exatamente você quer dizer?” [...] E eu ia dizer em uma voz que eu esperava que fizesse ela se sentir como um pedaço de nada, que era a forma que ela tinha feito eu me sentir em primeiro lugar⁴³. (Kincaid, 2002. p. 37, tradução nossa)

⁴³ [...] the first thing she said to me [...] was "So you are from the islands?" I don't know why, but the way she said it made a fury rise up in me. I was about to respond to her in this way: "Which islands exactly do you

Assim é possível observar aplicação de padrões de outremização nas obras buscam perpetuar a imagem desumanizadora de mulheres negras diaspóricas, que como efeito são acarretadas pela noção de não-pertencimento:

Hodiernamente esse aspecto vem sendo reforçado pelo incremento da hostilidade e da xenofobia direcionada a grupos específicos de migrantes em diferentes contextos mundiais. A noção de não-aceitação ou a ausência da hospitalidade reforçam o sentimento de não pertencimento ao local onde se encontram, gerando um tipo isolamento. (Marinucci; Goncalves, 2021. p. 2)

As protagonistas ao sofrerem com esse distanciamento - físico ou emocional - são relegadas continuamente às margens da estrutura social que tentam fazer parte. Mas ao passo que identificam a perniciosidade dessas condutas de violência, ambas desempenham diferentes formas de resistências buscando reafirmar para si, mas principalmente para as outros, que suas identidades dentro dos eixos que ocupam, as fazem dignas de inserção social.

Isoladas de seus relacionamentos posteriores a imigração, ambas personagens no final das obras retomam os contatos com suas famílias, como uma forma de reivindicação de suas conexões identitárias, são surpreendidas pelas notícias de que cada uma tinha perdido o pai. Acometidas com o luto, as protagonistas são localizadas em espectros opostos acerca das suas noções de pertencimento e os espaços que ocupam nos Estados Unidos e nos seus países de origem. Após deixar a casa da família anfitriã, Lucy passa a dividir um apartamento com conhecidos, encontrando um novo emprego, e ao refletir é acometida pela conclusão de que apesar de conseguir a vida que sempre achou que precisava, o vazio em si continuava. Sua identidade como sujeito diaspórico é definida ao resistir a outremização sofrida, mas a sua identidade como Lucy, indivíduo, ainda permanece indeterminado, fazendo com que o peso do não pertencimento seja palpável em todos os momentos da novela.

Em “No Seu Pescoço” Akunna não consegue se desprender da sensação que a evoca ao retornar para a Nigéria, sendo o luto o responsável por confrontar sua vida no país do Norte Global e a correlação entre sua identidade e o pertencimento da mesma ao seu país natal. Akunna volta para a África sem nenhum vestígio de que irá retornar aos Estados Unidos, deixando o relacionamento e vida que acreditava ter construído sem ao menos olhar

mean? [...] And I was going to say it in a voice that I hoped would make her feel like a piece of nothing, which was the way she had made me feel in the first place.

para trás. Demonstrando que lá era o espaço que entendia como seu, onde encontraria seu pertencimento e identidade.

Através da análise neste presente trabalho foram investigados os mecanismos de outremização utilizados para sujeitos imigrantes do Sul Global e os padrões de violência interseccional articulados sobre esses corpos quando identificados como mulheres afro-diaspóricas dentro de espaços de trabalho nos Estados Unidos. Através da sua influência sistematizadas por propagandas imperialistas mantém sujeitos do Sul Global como seu alvo para a obtenção de uma mão de obra a ser explorada, perpetua um padrão instaurado ainda na colonização. Ao chegarem nos EUA, as protagonistas são dilaceradas das suas visões do Sonho Americano, e passam a identificar e resistir aos padrões de subalternização. Akunna e Lucy são deixadas no âmago entre as violências de opressão e a busca pela afirmação de suas identidades como sujeitos diaspóricos sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta presente pesquisa relaciona as protagonistas da novela *Lucy* (1990) da antiguana Jamaica Kincaid e do conto “No Seu Pescoço” (2017) da nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie e as suas jornadas como mulheres afro-diaspóricas imigrantes nos Estados Unidos. Iniciando o seu processo de inserção como *sujeitos* migrantes perante a sociedade estadunidense, as personagens são outremizadas em diferentes graus, enfrentando uma ocorrência de subalternização ainda mais notável perante aos seus espaços de trabalho. Comprovando um cenário perpendicular entre a imagem de serviço de mulheres negras escravizadas e afro-diaspóricas do Sul Global, as obras relatam os diferentes processos de resistência das protagonistas a essas diferentes violências, e a busca pelos seus espaços e defesa das suas identidades.

Ao refletir sobre a escrita de mulheres afro-diaspóricas como Kincaid e Adichie é detectada a importância de representação das questões e experiência sócio-políticas de *sujeitos* que são constantemente renegados dos ambientes de humanização. Resistindo sobre a imagem discriminatória criada por sociedades conservadoras influenciada por parâmetros racistas e sexistas no Norte Global, a literatura diaspórica tem seus personagens principais emergidos para espaços centrais, os quais não lhe eram antes permitidos. Em conjunto a isto, as narrativas selecionadas para a análise deste projeto também demonstram a ligação existente entre o passado e o presente nas relações trabalhistas de mulheres imigrantes do Sul Global e o cenários capitalista de países de histórico imperialista.

Em vista disso, o estudo comparativo entre duas obras literárias fica ainda mais evidente pela aproximação existente entre os espaços geopolíticos das protagonistas Antígua e Nigéria, ligados pelas suas histórias de exploração de território e de suas comunidades, que ainda perduram as marcas de colonização, nesse sentido, próximos e vigentes das influências de poder estadunidense.

Os referenciais teóricos selecionados foram importantes para a comprovação da aproximação pretendida entre *Lucy*, *Akunna* e as problemáticas estabelecidas em suas jornadas como mulheres diaspóricas. Demonstram como *sujeitos* do Sul Global são atraídos aos Estados Unidos pela promessa de concretização do Sonho Americano, mas tem essas expectativas abatidas pelas sistemáticas de outremização auferidas desde a colonização. Mulheres negras de países outrora colonizados são impelidas às antigas funções de cuidado, em uma perpetuação da exploração escravizada.

Para Hall (2003) o processo diaspórico atinge intrinsecamente a identidade do sujeito migrante, conectando a contemporaneidade ao histórico colonial. A diáspora continua sendo um processo utilizado pelos Estados Unidos para a obtenção de mão de obra. Mas diferentemente de navios negreiros, o Estado vale-se atualmente da influência gerada através do imperialismo aplicado no Sul Global e mantida pela institucionalização do Sonho Americano como máquina de propaganda, atraindo corpos diaspóricos com esperanças de uma ascensão social e econômica. A colonialidade de poder em Quijano (2005) expõe a utilização de crenças coloniais de países globalizados que, como sociedade, portam-se como agentes de libertação, mas na verdade ainda presumem indivíduos do sul como inferiores. E o *sujeito* imigrante que busca por elevações sociais e financeiras acaba exposto à realidade de que seu objetivo se torna inalcançável para indivíduos do seu eixo de raça, classe, origem e gênero.

Nesse sentido, após estipular a identificação das protagonistas, é traçada então uma análise interseccional sobre os seus processos vivenciados e afetados por estes eixos. Akotirene (2021) depõe a teoria como uma ferramenta de estudo acerca da ação sistemática de subalternização, que ao agir sobre as personagens analisadas reverberam os diferentes âmbitos das violências implementadas: Lucy e Akunna são tidas como o subalterno não somente por serem mulheres, negras ou imigrantes do Sul Global, mas justamente por englobarem todos estes em um único *sujeito* diaspórico. Sob este consenso, a análise alcança os mecanismos de outremização aplicados pela branquitude a fim de manter a estrutura colonial de opressão de corpos negros, definindo-os como “*Outro/a*”, Kilomba (2020).

Ao identificar a outremização como um processo que afeta as protagonistas em diferentes esferas, entendemos o gênero como uma peça fundamental dentro da outremização laboral sofrida pelas protagonistas. Verificando comparações literárias a estigmatização de mulheres diaspóricas no exercício de funções como babás, trabalhadoras do lar e atendentes, é traçado a herança colonial existente. E comprovando através de Davis (2016), a relação perpendicular entre as vagas ocupadas na contemporaneidade por mulheres negras e as imagens dos trabalhos de cuidado performados por mulheres negras escravizadas no período colonial. Entretanto, a outremização é constantemente confrontada pelas personagens, que aplicam as situações diferentes métodos de resistência, buscando reafirmar seu espaço.

As protagonistas desenvolvem inseguranças sobre suas identidades provocadas pelas *borderlands* em Anzaldúa (1987), onde o novo país impõe violências discriminatórias, ao mesmo tempo que o país de origem pode remeter a passados traumáticos. E diante deste cenário, o pertencimento delas é desafiado pelo isolamento imputado, memórias e

relacionamentos construídos antes e depois da diáspora, e a afirmação do seu “eu” como além de um “*Outro/a*”.

Ao chegarem nos Estados Unidos as protagonistas são despidas das suas expectativas em relação a um novo espaço em sociedade, e são tidas como formas de lucro e opressão de trabalho, ou uma nova mão de obra barata. Akunna e Lucy são impostas à outremização sistemática nos seus empregos, que buscam as posicionar dentro de estereótipos, às margens de uma equidade. Mas ao identificarem tais processos de opressão, manifestam suas formas de resistência, e buscam defender suas identidades como sujeitos afro-diaspóricos. As personagens de Jamaica Kincaid e Chimamanda Adichie são uma representação dos desafios físicos e psicológicos causada a imigrantes do Sul Global pelas marcas da colonização e imperialismo em plena contemporaneidade.

Outros recortes poderiam ser analisados dentro desta perspectiva comparativa entre *Lucy* e “No Seu Pescoço” em uma futura pesquisa de mestrado, como as diferenças entre mulheres nas obras e a relação direta entre o exílio e a outremização de sujeitos diaspóricos. Demonstrando o alcance de convergências entre as obras e as suas protagonistas, e o reflexo de tais experiências em um contexto de vivências reais. Todavia, mesmo que correlacionadas, as histórias das protagonistas provam a diversidade de tais comunidades. Para Lucy, as cicatrizes da colonização são extremamente profundas em todos aspectos, tornando seu desfecho incerto pelo luto e não pertencimento a nenhum dos espaços; entretanto, para Akunna a volta para a Nigéria é entendida como necessária, em uma movimentação que mostra como *sujeitos* diaspóricos podem encontrar o pertencimento em seus espaços de origem.

Ao refletir sobre a importância desta pesquisa acredito que a sua relevância é necessária não somente para aprofundar as diferentes discussões que vêm crescendo sobre o pensamento decolonial afro-diaspórico. Mas também, para instigar mais uma oportunidade de conexão entre os futuros leitores e as temáticas abordadas, afinal, o reconhecimento só é construído através do contato. Nesse sentido, sem os projetos de pesquisas que fizeram parte do meu desenvolvimento acadêmico, o reconhecimento da magnitude dos temas, gerados pelo contato com os textos, não teria sido realizado. Os debates aqui levantados são resultados da minha mudança como indivíduo pessoal e social, em direção à identificação dos padrões vigentes em nossa sociedade. E somente enfatizam a relevância deste Trabalho de Conclusão de Curso em busca de uma realidade que alcance a verdadeira equidade de direitos e oportunidades.

REFERÊNCIAS

ABOUT us. Antigua and Barbuda's Government Information and Services, [s.d]. Disponível em: [https://ab.gov.ag/detail_page.php?page=25]. Acesso em: 20 de fev. 2024.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **No Seu Pescoço.** Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única.** Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das. Letras, 2019.

AFIGBO. A. E. **Revolution And Reaction In Eastern Nigeria: 1900-1929: (The Background to the Women's Riot of 1929).** Journal of the Historical Society of Nigeria, Vol. 3, No. 3, 1966, p. 539-557.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade.** São Paulo; Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021

ALEXANDER, Simone A. James. **African Diasporic Women's Narratives: Politics of Resistance, Survival and Citizenship.** Gainesville: University Press of Florida, 2014.

ANTIGUA and Barbuda. Consulate general of Antigua and Barbuda. Toronto @ 2024. Disponível em: <https://www.antiguabarbudaconsulate.com/antigua-and-barbuda>. Acesso em: 25 de fev, 2024.

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands,la frontera: the new mestiza.** San Francisco: Aunt Luke, 1987.

ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. **Postcolonial Studies,** the key concepts (Second Edition). Nova York: Routledge, 2007.

ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. **Postcolonial Studies**, the key concepts (Third Edition). Nova York: Routledge, 2013.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. **Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero no presente: gênero, redes sociais , redes sociais e migração internacional e migração internacional**. Estudos Feministas, Florianópolis, Vol. 15, No. 3: 336, 2007. p. 745-772.

Disponível em: [\[https://www.scielo.br/j/ref/a/pTknVwR7jtGFHsPfyV5Mk7x/?format=pdf&lang=pt\]](https://www.scielo.br/j/ref/a/pTknVwR7jtGFHsPfyV5Mk7x/?format=pdf&lang=pt). Acesso em: 24 de ago. 2024.

BACKGROUND notes: Antigua and Barbuda. U.S Department of State @ 1997 - 2001. Disponível em: [\[https://1997-2001.state.gov/background_notes/antigua_0400_bgn.html\]](https://1997-2001.state.gov/background_notes/antigua_0400_bgn.html). Acesso em 25 de fev. 2024.

BALATOVA, Jeanne; LORENZI, Jane. **Migration Policy Institute. Caribbean Immigrants in the United States**. RAD Diaspora Profile, 2022. Disponível em: [\[https://www.migrationpolicy.org/article/caribbean-immigrants-united-states\]](https://www.migrationpolicy.org/article/caribbean-immigrants-united-states). Acesso em:

CHICAGO HUMANITIES FESTIVAL. Jamaica Kincaid on writing, her life, and The New Yorker. YouTube, 29 de out. 2014.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política de empoderamento**. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo, Boitempo, 2019.

COMO são as 'jaulas' em que os EUA estão detendo filhos de imigrantes sem documentos. BCC, 2018. Disponível em: [\[https://www.bbc.com/portuguese/internacional-44526519\]](https://www.bbc.com/portuguese/internacional-44526519). Acesso em: 20 de ago. 2024.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo, Boitempo, 2016.

ESPIN, Sara De La Pena. **Womens refugees and migrants**. UN Women - Asia Pacific, [s.d]. Disponível em: [https://asiapacific.unwomen.org/en/news-and-events/in-focus/women-refugees-and-migrants]. Acesso em: 14 de ago, 2024.

FERREIRA, Muniz Gonçalves. **A engenharia da subordinação – os estados unidos e o subdesenvolvimento africano nas décadas de 80 e 90**. Caderno CRH, Salvador, n. 36, p. 127-136, jan./jun. 2002. Disponível em: [file:///C:/Users/flavi/Downloads/18630-Texto%20do%20Artigo-63016-1-10-20060814.pdf]. Acesso em: 29 de abr, 2024.

FEMINISTS: what were they thinking?. Direção: Johanna Demetrakas. Produção: Johanna Demetrakas; Lisa Remington; Gretchen Landau; Jeryl Jagoda. Local: Netflix, 2018.

GRADA, Kilomba. **Memórias de plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess de Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução de Bhuvi Libanio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

HOOKS, bell. **Teoria Feminista: da Margem ao Centro**. Tradução de Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

HUMBOLT forum. **Festrede von Chimamanda Adichie (OV)**. YouTube, 29 de set. 2024.

HOW migration is a gender equality issue. UN Women, 2020. Disponível em: [https://interactive.unwomen.org/multimedia/explainer/migration/en/index.html]. Acesso em: 30 de ago, 2024.

KINCAID, Jamaica. **Lucy**. Nova York: Farrar Straus Giroux, 2002.

MARINUCCI, Roberto; GONÇALVES, Maria do Carmo dos Santos. **Perspectivas diaspóricas: memórias, encontros e resistências**. REMHU, Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, Brasília, v. 29, n. 62, ago. 2021, p. 7-13. Disponível em: [<https://www.scielo.br/j/remhu/a/TRPm39MLHD5bwKtcLjf4pcx/?format=pdf&lang=pt>]. Acesso em: 24 de ago, 2024.

MIGRATION Policy Institute. **The Nigerian Diaspora in the United States**. RAD Diaspora Profile, 2015. p. 1-7 Disponível em: [<https://www.migrationpolicy.org/sites/default/files/publications/RAD-Nigeria.pdf>]. Acesso em: 29 de abr. 2024.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **Conceitualizando gênero: a fundação eurocêntrica de conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas**. In: Decolonialidade e pensamento afrodiáspora. Bernardino-Costa, Joaze; Grosfoguel, Ramón; Maldonado-Torres, Nelson (org). Tradução de Ana Carolina de Oliveira Costa; Denise Ferreira da Costa Cruz. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. Disponível em: [https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf]. Acesso em: 30 de jun. 2024.

SANTANA, Yago Santos de; SANTOS, Emily Silva dos. **Colonialidade de Poder**. In: LANDULFO, Cristiane; MATOS, Doris (org.). Suleando conceitos em linguagens: decolonialidade e epistemologias outras. Campinas: Pontes Editores, 2021. p. 59 - 66.

TED. **Chimamanda Adichie: o perigo de uma história única**. YouTube, 7 de out. 2009.

TUNCAN, Daria. **Adichie, Chimamanda**. In: Dictionary of African Biography, v. 1: (Abach-Brand). GATES JR, Henry Louis; AKYEAMPONG, Emmanuel K. (org.). New York e Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 94-95.

VORDA, Allan; Kincaid, Jamaica. “**An Interview with Jamaica Kincaid.**” *Mississippi Review* v. 20: 1991, p. 7-26.

WERNECK, Flávia Eduarda Santos; FREIRE LUNA, Juliana; SOUTO MAIOR, Maria Elizabeth Peregrino. **Mulheres negras imigrantes na diáspora: questões de trabalho versus o Sonho Americano em Chimamanda Adichie e Jamaica Kincaid.** In: Encontro Nacional de Letras no Litoral da Paraíba, 3ª edição, de 08 de maio a 10 de maio. Mamanguape: 2024, p. 1-9.